TIÇÃO NEGRO

FARÇA LYRICA

LETTRA DE
H. Lopes de Mendonça

MUSICA DE
Augusto Machado

Poema

ENCADERNADOR
ALFREDO DAVID
-LISBOA-
RUA SERPA PINTO

At

Tição Negro

farça lyrica
em 3 actos
sobre motivos de Gil Vicente.

Palavras
de
Henrique Lopes de Mendonça

Musica
de
Augusto Machado

1º acto

AM/C.5
96

H1792785

Personagens

D. Gonçalo de Lemos, fidalgo portuguez
Ayres Rosado, escudeiro
D. Iñigo de Aguasfuertes, castelhano
Aparicio, creado de Ayres
Fernándo, preto
Pero Piteira, ourives
Padre Bastião, capelão de D. Gonçalo
O Alcaide
Um beleguim
Um musico

Branca, sobrinha de D. Gonçalo
Genebra, padeira e feiticeira
Cecilia, filha de Genebra
Brites, aia de Branca
Giralda, padeira

Gente do povo, padeiras, beleguins, ~~ve~~ vendedores ambulantes, musicos

Epoca: meiado do seculo XVI

Acto 1.º

Pequena praça de Lisboa no seculo XVI. Forma irregular. Duas ruas desembocam na D. alta e E. alta. O F. é de casaria e campo. A E., desde a embocadura da rua d'esse lado até ao 1.º plano, é tomada pela casa e pelo quintal de D. Gonçalo. O muro do quintal volta ainda, fazendo esquina no 1.º plano e perdendo-se entre os bastidores da E. A casa é apalaçada, de um só andar, com uma das janellas e a porta praticaveis. A D., casa e padaria de Genebra Pereira, com porta para o lado da praça, esquina no 1.º plano, com janella baixa praticavel voltada para o espectador. Esta casa é baixa e tem no telhado uma trapeira para o lado da praça. No 2.º plano, entre o centro da scena e a E., pelas alturas da porta de D. Gonçalo, um pequeno chafariz. Na quina do predio acima da padaria, uma imagem da Virgem n'um nicho, com lampada accesa na frente.

Scena 1.ª

Cecilia, á porta da padaria, distribuindo pão a um grupo de homens e mulheres que veem compral-o. [N.º 1]

Côro de homens, com galanteria.

Padeirinha linda,
Tens o pão talvez
Menos fresco ainda
Que essa fresca tez.

Côro de mulheres, com impaciencia

Infernal padeira
De bem mau pezar,
'Stamos com lazeira,
Vem-nos aviar.

Cecilia
Paciencia! O pãosinho agora sae do forno;
Ainda escalda as mãos! Esp'rae que fique morno.
Côro de homens
Eis-me no entretanto
Preso á tua voz:
Por ti, doce encanto,
Que faremos nós?
Côro de mulheres
Pachorra de santo
Não teremos nós;
Não nos dá quebranto
Tua meiga voz.
Cecilia, recebendo o pão de dentro e distribuindo-o
Pãosinho fresco, pãosinho molle,
De loja alguma melhor não sae.
Que as vossas penas tenro console!
Bom apetite! Tomae! tomae!
Côro de homens
Feliz quem sobre pãosinho molle
Depois da lida faminto cae!
Mas é nascido dentro de um folle
Quem logra a moça que nos attrae!
Côro de mulheres
Ao ver o bello pãosinho molle,
Agua na bocca crescendo vae!
Que o nosso dente n'elle se atole
Em vindo a ceia que nos attrae.
(Vão todos sahindo por differentes lados. Fica Cecilia, só, á porta.)

Scena 2ª
Cecilia, depois Aparicio

Cecilia | Raça de mercadores! Homens de beiço cahido, mulheres de cotovelo dorido... Safa! (Dispõe-se

entrar para casa. Aparicio apparece á E. alta)

Aparicio — Pst! Eh! Cecilia!... Cecilia!

Cecilia — Quem me chama?... Ah! é o meu rico Aparicio! (Corre para elle)

Aparicio — Que amassa com beijos a farinha das tuas mãos (Beija-lh'as) e da tua face... (Vae a beijal-a)

Cecilia — Isso mais devagar! Na face só se amassa o pão-de boda.

Aparicio — Esse ainda está na massa dos impossiveis.

Cecilia — Valha-nos Nossa Senhora!

Aparicio — Ha tres annos a servir um escudeiro de má morte...

Cecilia — E peior vida! Não melhorou de condição?

Aparicio — Nem de juizo, o sandeu! É cantar, é tanger, é pentear... e é jejuar tambem!

Cecilia — Então de que vive elle?

Aparicio — De tasquinhar em vão! Safa! Ando já tão feito de fome, como os outros de comer! O meu amo passa todo o santo dia mettido em casa... Podera! tem a farpela no fio, e um alfayate que não fia! Mas de noite desforra-se... anda por ahi de bocca aberta a vomitar trovas... que não tem mais do que isso no estomago... Depois, altas horas, entra-me em casa com roncas de fidalgo, muito contente da sua pessoa, e desata a berrar: Aparicio, põe a ceia na meza!... Como se a uchária estivesse a botar por fora!

Cecilia — E faz cruzes na bocca?

Aparicio — Contenta-se com o que apparece! Um naco de pão duro e um rabano mais engelhado que a cara de uma bruxa.

Cecilia — (resentida) Começas a atucar!

Aparicio — Perdão! Buli-te com a familia! A tua mãe está n'outro caso: é bruxa, mas tem a cara tão liza como a alma. E como vae ella?

Cecilia Bem. A feitiçaria vae rendendo.
Aparicio E a padaria?
Cecilia Tambem. Essa está a meu cargo.
Aparicio Santa vida! Pão de Deus por um lado, obras do demo por outro! E o dinheiro a pingar... Ah! minha Cecilia! minha joia! Sinto umas ganas de fazer de diabo!...
Cecilia Depois de casado?
Aparicio Antes... antes... por causa dos apendices!
Cecilia Julgas-me capaz?...
Aparicio De m'os fabricar? Qual! Mas o que eu como em casa de meu amo nem dá para o essencial, quanto mais para excrescencias!
Cecilia Pobre Aparicio!
Aparicio Tens dó de mim, minha flor?
Cecilia Se tenho! Mas bem vês que...
Aparicio Sei o que vaes dizer! Que não tenho onde cahir morto, e muito menos onde casar vivo! A tua mãe quer genro que leve alguma massa para a padaria...
Cecilia O que ella quer é ver se com o meu casamento arranja meio de largar os bruxedos. O negocio vae sendo perigoso. O corregedor anda com a pedra no sapato, e qualquer dia pode vir desmanchar-lhe a egrejinha, Nosso Senhor me perdoe!
Aparicio E nem o mafarrico a livra dos ferros de el-rei. Pois, minha rica, se tu quizeres, pode ser que me transformes n'esse genro appetecido, capaz de varrer d'essa casa todos os avejões.
Cecilia Se eu quizer?
Aparicio Basta que protejas os amores de meu amo.
Cecilia Com a visinha alli defronte?
Aparicio Essa mesma, a menina Branca. Bebe os ares por elle... e elle tambem não tem outra cousa que lhe dar a beber.

Cecilia — Ella deve estar costumada. O tio não é mais rico do que o teu amo: só ~~o que tem é mais~~ lhe ganha em farronca.

Apariç. — Mas o pae anda por terras da India, e é de crer que volte rico.

Cecilia — Para isso fez Deus a India.

Apariç. — Pois esse pae, o D. Diogo, é muito amigo do pae do meu amo, que é um fidalgote lá das Beiras. O meu amo escreveu ao pae para que elle pedisse ao D. Diogo a mão da filha. Estamos a toda a hora á espera da resposta. Se o casamento se realisa, fica o meu amo rico, o D. Diogo arranja-lhe um logar no paço, e eu, á sombra d'elle, em poucos mezes ~~trepo~~ até chegar á craveira que a tua mãe sonha para o seu genro.

Cecilia — Valha-me Deus! Mas não sabes que o D. Gonçalo teima em casar a sobrinha com um ferrabraz castelhano?

Apariç. — Chamado D. Iñigo de ~~las Cosas~~ Espadgarzosa y Aguasfuertes. Sei, sei. Mas a tramoia é desmanchar esse casamento e...

Cecilia — Demais a mais, o velho, o D. Gonçalo, anda tambem a arrastar-me a aza!...

Apariç. — A quem? A ti?

Cecilia — A mim. Se elle percebe que és o meu escolhido...

Apariç. — Ora o velho remelado! Com que então anda a arrastar-te a aza? Azas de pau precisava elle, o gallo sem pennas, sem crista, sem nada. Deixa estar que... Nada! não sejamos tolos! Esse amor serodio, bem aproveitadinho, póde dar fructo...

Cecilia — Ora essa!

Apariç. — Mas não para os dentes d'elle, se é que os tem.

(Ouve-se fora, do lado E., um preludio de guitarra)
Ui! ahi vem meu amo! Conheço-lhe á legua a zanguizarra. Logar ao nobre escudeiro Ayres Rosado! Amo pellado lhe chamo eu, quando estou com as ancias da fome. Vae abrir as guélas para celebrar a sua dama...

Cecilia — Que não está em casa!

Aparicio — Não está? (Rindo) É boa! A garganta trabalha em vão, como a barriga! (Os dois desviam-se para a D., esquina da padaria)

Scena 3ª

Os mesmos e Ayres

Ayres (~~Começa a cantar~~ Preludia fóra, entra depois pela E.d., ~~acompanhando-se á guitarra~~) [Tercetto-serenata, Nº 2]

No ceu diviso uma estrella
Em transes de se apagar:
Chegae á vossa janella,
Se vida lhe quereis dar.
Por vosso olhar, minha amada,
Suspira a triste de lá...
(Ladram cães fora. Interrompendo a canção)
Que maldita canzoada!
Perros vis, calae-vos já!

Aparicio
Fulo está co'a canzoada!

Cecilia
Tem ausente a sua amada!

Aparicio e Cecilia (rindo)
Ah! ah! ah!
Boa peça ora não ha!

Ayres
Não me deixam, os malditos,
Dar á luz
Uns versinhos tão bonitos

Que eu compuz!

Aparício

Bentos cães!

Cecília

Perros benditos!

Aparício

Ladrem mais!

Cecília

Ardem, cruitos!

Aparício e Cecília

Eia! eus! (Os cães calam-se)

Ayres

Até que enfim se cala o torpe bando,
Graças ao céu!
A noite chega! Eu p'ra ti vou cantando,
Archanjo meu!

Cecília

Eu sinto gana de seguir ladrando:
Beu! beu! beu! beu!

Aparício

Beu! beu! beu! beu!

Ayres (cantando outra vez à guitarra)

Ó flor de perenne viço,
Annuncial dos meus bens...
(Os cães tornam a ladrar. Interrompe-se de novo)
Vê lá se me appareces, Aparício!...
Com mil raios! enxota-me esses cães!

Aparício (adeantando-se para Ayres)

Prompto, meu amo! Mas vae trabalho
Aos ricos bofes dará talvez...

Ayres (com impaciencia)

Eu de conselhos nunca me valho,
Dados por asnos como tu és!

Cecília (a Ayres)

A serenata tendes perdida,

Que a vossa dama não tendes lá...

Ayres (como acima, sem a ouvir)

Ora mettei-vos co' a vossa vida!
Bisbilhoteira! que tal está!

Aparicio

Eu prevenir-vos quero sómente...

Cecilia

Para não terdes lidas em vão...

Ayres

Primeiro os perros! depois a gente!
Irra! que forte seringação!
Deixae-me, co'a breca!
Que secca! que secca!
Não tem tom nem som!

Aparicio e Cecilia

'Stá bom! 'stá bom! 'stá bom!

(Os cães redobram de teimosia a ladrar)

Ayres

Que triste negaça
Meu fado teceu!
Dos cães a vil raça
E o par tão sandeu,
Tudo me embaraça,
Tudo me prendeu!

Aparicio e Cecilia

É boa a chalaça
Que o fado teceu!
A furia não passa,
Rebenta o escarcéu!
De amada nem raça,
E os cães: béu! béu! béu!

Ayres | Irra! que inferneira! Diabos levem os cachorros! Aparicio! villão ruim! não te mandei eu que os enxotasses ao menos?
Aparicio | Mas como quereis que?...
Ayres | É simples! dá-lhes meia duzia de pães! Bocca cheia não ladra! Ahi a padeira que t'os forneça!...
Aparicio | E dinheiro, senhor?
Ayres | Dinheiro, para que? Ella que os metta na conta...
Cecilia | Dos cães?
Ayres | Sim... quero dizer... não, não, na minha conta.

Cecilia — A sua, senhor escudeiro, é de diminuir.

Ayres — Ah! sim? minha carinha de alfeloa! Pois chega-te a mim, e multiplicaremos.

Cecilia — (apontando para Aparicio) Já escolhi quem entrasse comigo na taboada.

Ayres — Mal empregada operação! O producto ha de ser de parvos.

Aparicio — Não tanto, que andem de bocca aberta a cantar serenatas ás paredes de uma casa.

Ayres — Bargante! As paredes teem recheio!

Cecilia — De vento.

Ayres — O que?

Cecilia — A sua dama está a estas horas a rezar vesperas em S. Gião.

Ayres — O' demonio! n'esse caso...

Aparicio — Fez ~~papel~~ figura de... do que me chama.

Cecilia — Era isso que nós queriamos dizer-lhe, e que vossa mercê botou ao desprezo.

Aparicio — Fez ouvidos de mercador, e agora...

Cecilia — (com uma mesura) E agora, com sua licença, faz cara de tolo.

Ayres — Confiada!

Aparicio — Vamos ao que importa. Estava aqui a conquistar a alliança da Cecilia em favor dos seus projectos.

Ayres — O' minha linda! Sellemos esta alliança com um beijo... (Vae a beijal-a. Aparicio intromette-se e aponta para a propria face)

Aparicio — O sello fica fora do documento. Aqui tem a ~~cera~~ chapa para o cunho..

Ayres — (afastando-se) Não tenho sinete senão para cera virgem.

Cecilia — Deixae-vos de contendas! A menina Branca não tarda ahi, mal o pae, mal o noivo...

Ayres — O noivo? Ah! que sinto dentro de mim todas as furias do inferno...

Aparicio — Não as solte agora, que eu não faço sortes de gaiola.

~~Gu~~ Guarde-as...

Ayres | Para o tal castelhano de uma figa, em cujo corpo hei de enterrar esta espada...

Aparicio | Pobre espada! Dê-lhe ao menos sepultura decente!

Cecilia | Mas como havemos de desmanchar o casamento?

Ayres | Como ha de ser? Dá uma idéia, Aparicio!

Aparicio | Vossa Mercê cuida que isto de idéias se dão com tanta facilidade como promessas aos credores? Demais, para espevitar o engenho, é mister que a barriga não ande a dar horas, como a minha.

Ayres | Villão farto, pé dormente. A candeia da intelligencia não precisa de azeite.

Aparicio | Não! Precisa de vinho.

Cecilia | Faze um esforço, minha joia, e eu te recompensarei d'aqui a pouco.

Aparicio | (luzindo-lhe os olhos) Pãosinho quente?

Cecilia | E um pichel de Caparica. Anda!

Ayres | (aparte) Demonios a levem! Está-me a fazer crescer agua na bocca!

Aparicio | Prompto! Uma idéia!

Ayres | Vamos a ella

Cecilia | Dize depressa!

Aparicio | O fidalgo ha de estar ausente esta noite...

Ayres | Como sabes?

Aparicio | Isso é comigo... (A Cecilia) Por outra, é comtigo, percebes?

Cecilia | A' legua.

Aparicio | O meu amo combina com a ~~Senhora~~ Sinhasinha raptal-a durante a ausencia do sr. D. Gonçalo.

Ayres | Esta noite?

Aparicio | Esta noite, pois então? Lá diz o ditado: Devagar pensa, e obra depressa! O que fará quando se pensa com esta rapidez! Nem um cavallo á desfilada por terras de Moiama!

Ayres | E a Brites, a aia velha da Branca!

Aparicio | Ah! essa coruja é surda como uma porta, e eu me

encarrego de lhe tapar os olhos com a minha gentileza, e a bocca com doçarias. O demo da cascata fina-se por guloseimas!

~~Cecilia~~ Cecilia — Depressa! entrae na padaria! Ahi veem os Quatro da egreja.

Aparicio — E tu?

Cecilia — Eu fico de atalaya. Sumi-vos!

Aparicio — E o presunto? E a vinhaça?

Cecilia — Lá encontras tudo no armario.

Aparicio — Soberbo! que bellas luminarias para a minha barriga!

Ayres — E terás animo de deixar a minha ás escuras?

Aparicio — Descanse! dou-lhe os morcões!

Cecilia — Aviae-vos! (Os dois entram na padaria e fecham a porta)

Scena 4ª

Cecilia; D. Gonçalo, D. Iñigo, Branca, Brites, que entram pela D. alta: as duas ultimas de rosarios nas mãos.

Gonçalo — Pode ficar descansado, D. Iñigo. É para vossa mercê, e não para outro, a mão de minha sobrinha.

Iñigo — (pronuncia viciosa, de hespanhol que quer falar portuguez, com vocabulos castellanos á mistura) Graças a Diós! Sabeis o que ganha la niña? El mundo todo!

Gonçalo — O mundo todo? Homem! isso não será demais?

Iñigo — Crió-lo Diós para eu le dar!

Gonçalo — Então o vosso sogro fica a chuchar no dedo?

Iñigo — Creará Diós mas mundos para mis presentes.

Gonçalo — Sois talvez um bocadinho exagerado, mas agradeço-vos a boa vontade.

Branca — (a Cecilia, baixo) E é um reboleão d'estes que me querem dar para marido!

Cecilia — (o mesmo) Ha de estalar-lhe a castanha na bocca.

Brites — (que tem estado junto d'ellas, a rezar pelas contas, interrompendo-as a lamber os beiços) Tendes castanhas?

Cecilia — (rindo) Só se for... (menção de bater)

Brites — Que pena! Vinham agora do ceu!

Branca Velha gulosa!
Cecilia O que vale é que só ouve palavras de comida. Parece que tem os ouvidos no estomago.
Gonçalo Olha! é a visinha padeirinha! Deus vos salve!
Cecilia Uma creada de Vossa Mercê, sr. D. Gonçalo.
Gonçalo Uma padeirinha que pensa as olhos de uma pessoa, não achas, D. Iñigo?
Iñigo Me diera el cielo cien ojos, que no los aplicara senon en el rosto de la minha D. Blanca.
Branca Já acho demais os dois.
Iñigo Ciego me quereis? Pues ciego soy por amor de vós, cara de miel!
Brites (como acima) Tendes mel, sr. castelhano? Rica cousa, rica!
Iñigo Al diablo la vieja! (Dá-lhe um encontrão)
Brites Bruto! (Afasta-se para a D.ª a rezar)
Gonçalo (a Cecilia, baixo) Prenda linda! Preciso falar comtigo.
Cecilia De que?
Gonçalo De amores.
Cecilia Deixe-se d'isso! Parece que ainda está nos seus vinte e cinco.
Gonçalo Ah! ~~gostas de~~ preferes rapazes de vinte e cinco annos? Pois tens em mim dois d'esses, encadernados n'um volume só.
Cecilia Mas com muita traça na encadernação!
Iñigo (que tem continuado a falar com Branca) Se algun rival me fuera preferido, lo matiera por la tierra dentro hasta llegar a los antipodas.
Branca (ironica) Com effeito!
Cecilia Safa!
Iñigo (a Branca) Vos no me conoceis... (A Cecilia) ni vos... (Apontando para Brites) ni la vieja sorda. (Agarrando violentamente no braço de D. Gonçalo) No es verdad que ellos no me conocen?
Gonçalo (doendo-se do braço) Conheço-vos eu agora por mal do meu braço. Irra!
Iñigo Yo vos diré quien soy. (Emquanto canta as coplas, Brites continua a rezar de parte)

Coplas de D. Iñigo [Nº 3]

I

Es Don Iñigo de Aguasfuertes
Un hombre cru.
Pasó trecientos pasapuertes
A Belzebuth.
Hace en la tierra un arrepio
Mi sola voz.
Y de las almas que le envio
Se cansa Diós.

Yo soy Don Iñigo,
Que trayo un leon
En el corazon.
Se tengo inimigo,
Se luchan conmigo,
Todo es perdicion!

D. Gonçalo, Cecilia, Bertanca

Elle é Don Iñigo,
Que traz um leão
No seu coração.
Em tendo inimigo,
Se quer dar castigo,
Tudo é perdição!

II

D. Iñigo

Se a las fortunas respondiera
Que amor me dá,
Pronto de celos se muriéra
La humanidad.
Y los bastardos que yo gerara
Para criar,
Aúnque de leche, no bastara
Toda la mar.

Yo soy Don Iñigo
Que trayo un vulcon
En el corazon.
Las damas conmigo
No tienen abrigo
Contra la pasion.

D. Gonçalo, Cecilia, Branca

Elle é Don Iñigo,
Que traz um vulcão
No seu coração.
As damas, que p'rigo!
Não acham abrigo
Contra o seu condão.

Iñigo — Es lo que soy, caramba! Ayer - es aún segredo, pero vos lo cuento - me acommette en la estrada de Sacavem una partida de nueve bandoleros: sin decir palabra, saco de mi espada, les pongo cierco, y zás! los mate a todos diez.

Gonçalo — Mas não dissestes que eram nove?

Iñigo — Si; a uno le perdoné la vida. Pero quando le decia esto, el desgraciado...

Cecilia — Fugiu?

Iñigo — No. Murió de puro miedo.

Branca — (baixo, a Cecilia) Que desenramento!

Cecilia — (o mesmo) Forte pastel!

Brites — (tocando-lhe no hombro) De que? de que?

Cecilia — De que, o que?

Brites — De que é o pastel?

Cecilia — (rindo) ~~De~~ carne!

Brites — (com ancia) Porco?

Branca — (gritando-lhe aos ouvidos) Calae-vos, velho camafeo!

Iñigo — (dando um pulo) Hablaes conmigo?

Gonçalo — Socegae! Branca falava...

Cecilia — Com a aia...

Iñigo Con la sorda impertinente?... Pues... que lo agradezca a Diós!

Branca Ameaças-me?

Iñigo Lejos de mi pensar una amenaza a vos, que sois la niña de mis ojos!

Gonçalo (a Cecilia, baixo) O que eu queria era pôr como dono a carraca do hespanhol!

Cecilia (o mesmo) Eu lhe arranjo um remate!

Iñigo Pero se un hombre se atreviera...

Branca Que fariéis?

Iñigo Le diera tamaña puñada que esfuracara la luna con su cabeza.

Branca Deixae ~~vos dar~~ roncas e feros!

Iñigo No me quereis?... Que lastima!

Cecilia (puxando pelo gibão de D. Iñigo) Sr. D. Iñigo...

Gonçalo (aparte) Está cahido. Vae-me arranjar a entrevista.

Iñigo Que pertendeis, muchacha? Bien veis que no vos poso amar.

Cecilia Não se trata d'isso: ouvi-me em segredo.

Iñigo Vos concedo ese honor.

Cecilia (baixo, a D. Iñigo) Sei de uma bruxa que vos pode pôr a Branquinha macia que nem veludo da terciopelo.

Iñigo Deveras?

Cecilia Procurae-a quanto antes. A estas horas está ella na Ribeira, a vender biscoito. Perguntae pela Genebra Pereira. Ide sem deterça.

Iñigo Me salvaes, muchacha! Os daré la mitad de mi alma.

Cecilia Para que quero eu similhante prenda? Avie-vos!

Iñigo Señora mia, voy-me en cata de mi, que me perdi quando os vi.

Branca Não espereis que vos dê alvíçaras.

Iñigo Matadora!

Gonçalo Com que, passae bem, D. Iñigo. E o dito, dito...

Iñigo Besoos las manos. (A Branca) Adios, mis amores. Las estrellas del cielo vos envidian la ventura de dar luz a esta.

astro. (Sae majestosamente pela E. alta)

Branca Passarolhão!

Gonçalo E agora ide... (A Branca)

Cecilia (vivamente) A padaria, onde tem uns lavores para ver.

Gonçalo Que os lavores a entretenham!

Cecilia (rindo) Hão de entreter! (Baixo, a D. Gonçalo) Ide ver se não vem ninguem ahi d'essas ruas, e já vos falo.

Gonçalo (baixo) Sim, meu anjo! (Sobe)

Cecilia (a Branca) Entrae para a padaria. Lá vos espera o escudeiro. Abri a janella da travessa... Ide! (Branca entra na padaria. A Brites que se prepara para a seguir) Esperae, minha dona! (Chama em voz baixa) Aparicio! (A Aparicio que assoma á porta) Entretem o demo da velha aqui á porta, ouviste? E fica alerta para prevenir de qualquer estorvo os dois que estão á janella da travessa!

Scena 5ª

D. Gonçalo e Cecilia, á E. da scena; Aparicio e Brites, junto á porta da padaria; depois Ayres e Branca, á janella da padaria, frente ao publico. Começa a escurecer. Luar depois.

Aparicio Fica entendido! Cá tenho a isca! Pão... (Mostrando) azeitonas de Elvas... (Mostra uma escudela) e a minha belleza.

Cecilia Não a gastes toda! (A D. Gonçalo que desce) E agora, podemos conversar á vontade!

Gonçalo Mercê de Deus! Ando engasgado ha um rôr de tempo...

Cecilia Algum osso?

Gonçalo Uma espinha: a do teu amor!

Sextetto [Nº 4]

D. Gonçalo

Minha rosa, meu arminho,
Fosse eu passaro, por Deus!
Que fizera alegre o ninho
No calor dos seios teus!

Cecilia, rindo

Sais bem pouco meninínho
P'ra colchete de mantéos!

Ayres, que tem aberto a janella frente ao espectador

Olha a lua, que o caminho
Nos aponta alem nos ceus!

Branca, junto d'elle

Seu fulgor posse mesquinho
P'ra ti mais que os olhos meus!

Aparico, dando azeitonas a Brites

Enche, ó velha, esse focinho,
Pois que morres por pitéos.

Brites

Não no entendo; mas carinho
Vejo bem nos olhos seus.

D. Gonçalo, a Cecilia

Quando posso mostrar-te, a sós, meu bem,
Todo o amor que n'esta alma se contem?

Cecilia

É já fructo serodio!

D. Gonçalo

Que importa! tem mais graça!

Cecilia

Deveras?

D. Gonçalo

Como a passa,
Mais doce ficará já.

Branca, a Ayres

Ás nove e meia, espero-te.
Que incrivel alvoroço!

Ayres

Fugindo assim, o nosso
Tormento acabará.

Branca e Ayres

Juntos os dois, o nosso

Tormento acabará!

Cecilia e D. Gonçalo

Qual passa, o amor serodio
Mais doce ficará.

Aparico

O' velha! olá! que brodio!
Que alegre que ella está!

Brites

É meu anjo custodio
Quem petisqueiras dá!

Aparico e Brites

É seu (meu) anjo custodio
Quem petisqueiras dá!

Ayres

Meu amor!

Gonçalo

Minha flor!

Aparico, offerecendo azeitonas a Brites

Por favor!

Cecilia

Em sendo nove horas, que a noite está morta,
A' praça desci.
N'um terno assobio, chegae-vos á porta,
Que eu prompto abrirei.

D. Gonçalo

Ao meu paraiso minh'alma hoje aporta,
Zombando da lei.

Ayres

Infunde-me a vida no peito jucundo,
Que eu morro por ti!
Fujamos bem longe: nas raias do mundo
Amor nos sorri!

Branca

Comtigo, meu Ayres, o sopro confundo
Que o meu vem de ti!

Fujâmos, fujâmos, nas raias do mundo
Amor nos sorri!
Brites, a Apparicio
O affecto, ó mancebo, minh'alma transporta,
Sim, tua serei!
Apparicio
Coitada! parece que a velha está torta,
Mas vinho não dei!

Ayres e Branca	D. Gonçalo	Cecilia
Oh! noite! apressa-te,	Sinto, nas ancias	Velhote mísero,
Nas sombras vela	De estar com ella,	Caes ne esparrela,
A sorte bella	Forte a espinhela	Doutra ora tréla,
Que amor nos traz!	Como um rapaz.	Depois verás.

Apparicio	Brites
A tonta gaba-se,	Nas ternas dadivas
Cheia a guéla,	D'essa escudela,
De eu ter por ella	Bem se revela
Meu fatacaz.	Amor vivaz.

(Tocam as Trindades n'uma egreja proxima)
Côro de povo, primeiro fora, depois atravessando a scena ao F.
A hora em que entre as nuvens do poente
Desmaia o dia,
Bendito seja Deus! Bendito o ceu clemente!
Ave Maria!
(Os personagens que estão em scena repetem o côro, curvando-se deante da imagem que está no nicho. Os homens descobrem-se)

Cecilia (a D. Gonçalo) Tenho de recolher á padaria. Vão começar os trabalhos para o pão da manhã.
Gonçalo O pão dos meus olhos és tu só, linda padeira!
Cecilia Deus queira que não lhe seja pesado.
Gonçalo Qual! sinto-me capaz de digerir pedras.
Cecilia (baixo, a Apparicio) Apparicio, faze o signal!
Apparicio Prompto, minha dona! (Vae á esquina fazer signal a Ayres e Branca)

Gonçalo (desempenando-se) E é que é verdade! Sinto-me com vinte annos! Vae ver uma bruxa comigo, a filha da bruxa!

Aparicio (que bateu no cotovelo de Ayres) Ora até que emfim acordaram! (Volta para a porta da padaria)

Branca Ás nove e meia te espero! (A Ayres)

Ayres (beijando-a) Até breve... e para sempre! (Salta da janella para a rua. Branca fecha a janella e vem apparecer á porta)

Cecilia (baixo, a Aparicio) Alerta sempre, Aparicio!

Aparicio Um olho no prato... (Beija-a ao dar-lhe a escudela) outro no gato! (Faz figas a D. Gonçalo)

Gonçalo Recolhei-vos depressa, Branca! (Ayres e Aparicio somem-se D. B.)

Branca Vinde, Brites! (Puxa por ella)

Brites (aparte, com um suspiro) Levaram sumiço, o rapaz e as azeitonas! (Entra na casa de E. com Branca)

Cecilia (entrando na padaria e fechando a porta) Santas noites!

Scena 6ª

D. Gonçalo, só, depois Pero Piteira e Padre Bastião

Gonçalo (atirando beijos para Cecilia) Meu paraiso! minha condessa! meu coração! meu sol! — Tudo isto é muito bonito, mas o peior é que não tenho um ceitil de meu, e vou fazer papel de urso com a pequena! Não é de um fidalgo como eu ir para uma entrevista com as mãos a abanar! Eu bem sei que é ~~o~~ meu physico que lhe deu nas vistas, mas ~~a alma~~ eu não desgostaria que ella me visse tambem a alma ~~tambem reclama um naco de amor~~, e um homem sem vintem é um corpo sem alma! Como ha de ella gostar do que eu não tenho? Onde não ha, el-rei o perde! (Pero Piteira e padre Bastião entram D. A.) Quem vem lá?

Padre Sou eu, meu senhor D. Gonçalo.

Gonçalo O meu capelão?

Padre A sombra d'elle. Tão magro estou...

Gonçalo E que outra sombra trazeis comvosco?

Pero O servo de Vossa Mercê, Pero Piteira.

Gonçalo Ah! o meu ourives! Folgo de ver-vos! E a que vindes?...
Pero Eu procurava Vossa Mercê, mais aqui o sr. padre Bastião...
Gonçalo Não vinha recolher-se, o padre capelão?
Padre Nada. Eu vinha tambem...
Pero Falar com Vossa Mercê...
Gonçalo A que proposito?
Pero Eu digo.
Padre Eu vou dizer.

Tercetto dos crédores [N.º 5]

Padre e Pero
Nós vimos ao cheiro
Do nosso dinheiro
Perdido nos bolsos de Vossa Mercê.
(D. Gonçalo faz um gesto de enfado. Os dois proseguem com muita humildade.)
Senhor, não se zangue!
Dinheiro se é sangue,
Nós 'stamos sem pinga que alento nos dê.

D. Gonçalo
Falres bem de leve!
Fidalgo que deve
Faz n'isso aos crédores mui grata mercê.

Padre
Cento e vinte e sete missas
Suffragando avós e paes...

Pero
Duas lampadas maciças,
Valem quinze mil reaes.

Padre
Quatro officios ao divino
Com famoso cantochão...

Pero
Um saleiro de ouro fino,

Um firmal com seu brazão.

Padre e Pero
De faces lividas,
Aco o paiól,
Das ~~vossas~~ dividas
Traremos rol.

D. Gonçalo
Lembranças vividas
Me traz o rol;
Não nego dividas,
Que sou de prol.

Padre
Dez sermões a santos varios,
Recheiados com latins...

Pero
Tres anneis com solitarios,
Um castão com dez rubins...

Padre
Finalmente, o baptisado
De um petiz que pae não tem...

Pero
P'r'o petiz, dixe esmaltado,
Brincos de ouro para a mãe.

Padre e Pero
De faces lividas, etc.

D. Gonçalo
Lembranças vividas, etc.

Gonçalo Bem. Já dissestes da vossa justiça. Agora farei cada um de vós um requerimento em bom papel-preto no branco- e veremos quando se vos dará despacho.

Padre Empachados estamos nós...

Pero Ha que tempos!

Gonçalo Mau! Ao menos fale cada um por sua vez.- Vós, padre Bastião, que mais quer um clerigo que boa comida á tripa fôrra, vida folgada, e mais um vintem- um vintem!- por dia para as extravagancias?

Padre Ora, sr. D. Gonçalo! É falaes vós de comida! Se não estivesse aqui presente mestre Pero, eu vos diria se meia duzia de sardinhas salpicadas por dia bastava para despegar a barriga das costas.

Gonçalo E a honra, ingrato sacerdote? "Sou capelão do sr. D.

D. Gonçalo de Lemos!" Não é mesmo de encher a bocca?

Padre — Tambem, só isso m'a enchera.

Gonçalo — E achaes pouco? Ruim sois de contentar! E' como se tivereis o rei na barriga.

Pero — Eu cá preferia um arratel de ~~boa~~ carne limpa.

Gonçalo — Calae-vos, mestre! Eu já vos attendo!

Padre — E a respeito do vestir, não fazeis conta? E dormir sem cabeçal, com a corôa quasi pelo chão, que até parece — Deus me perdôe! — um sacrilegio?

Gonçalo — Humildade christã!

Padre — E andar ás compras na Ribeira?...

Gonçalo — Pelo peso que vos faziam as compras!...

Padre — Afora outros recadosinhos que não são muito honestos para o meu ~~caracter~~ estado! Clericus et negotiator.

Gonçalo — Sois tão grande politico! Para embaixadas melindrosas podeis gabar-vos de minha confiança.

Padre — Mercês! E ter a meu cargo os gatos, os pretos da cosinha, a bicharia toda?

Gonçalo — O Evangelho manda fazer bem aos animaes.

Padre — E tratar-vos do gibão, e alimpar-vos os sapatos? E' tambem pelo mesmo preceito do Evangelho?

Gonçalo — Quereis que eu pareça bem deante de El-rei, e tendes razão ás carradas. Sabeis como vos recommendo no paço, onde na primeira vaga tereis o logar de capelão.

Pero — Por empenho vosso?

Gonçalo — Está claro. A el-rei ou á rainha farei o sacrificio d'este meu digno clerigo.

Padre — Vae em tres annos que me embalaes com essa cantiga.

Gonçalo — A proposito de cantiga, tendes voz fraca para a capela do paço, que é muito vasta. Ahi é que está a maior difficuldade.

Padre — Como quereis que tenha voz forte um homem mantido a peixe salgado todo o santo anno, e barriê corido pelas endoenças?

Gonçalo O marico engrossa a voz...
Padre Pois preciso eu d'isso na minha profissão, senhor?
Gonçalo Ide em paz. Não ~~desanimeis~~ me esqueço. El-rei saberá quanto valeis. Ha de custar-me, mas entrareis no paço. Dormi descansado. Eu tenho que falar com mestre Pero. Ide. Boa noite, padre capelão. (Vae-o conduzindo abraçado até á porta de sua casa, e volta depois para junto de Pero.
Padre Deus salve a Vossa Mercê! (Aparte) É isto sempre! Muita folia, e nada de pagar ao gaiteiro! (Entra em casa)

Scena 7ª

D. Gonçalo, Pero Piteira

Gonçalo Ora falae agora, mestre Pero! (Pero vae a falar, mas D. Gonçalo prosegue) Sou muito vosso amigo. Cobri-vos, estae á vossa vontade, sem cerimonias. (Como acima) Ainda hontem vos gabei a el-rei quanto pode ser. Elle vos ~~ajudará~~ empregará, e eu vos ajudarei, que estas ajudas ás vezes são melhores que as ~~dos clysteres~~ das boticas. Tudo mereceis.
Pero Graças, sr. D. Gonçalo. Pois, como vos disse, eu venho...
Gonçalo E sabeis o que tendes de melhor? Lá o disse eu a el-rei, que o apreciou deveras. É que não importunaes nunca com os pagamentos. Nunca vi quem assim esperasse, quem tal modo tivesse de agradar.
Pero A nossa conta é tão pequena...
Gonçalo Que nem vale a pena falar d'ella. Isso é pensar de fidalgo! Folgo de não vos ter pago, só para vos ouvir falar assim, com tanto siso.
Pero Beijo-vos as mãos, senhor, mas eu queria...
Gonçalo Que vos encommendasse mais alguma cousa. É o que vou fazer sem detença.
Pero Porem...
Gonçalo Sabeis que caso minha sobrinha com um fidalgo riquissimo, um castelhano...
Pero (com alvoroço) Ah! sim?

Gonçalo O sr. D. Iñigo de Espulgarorras y Aguasfuertes. Conheceis?
Pero De tradição.
Gonçalo Pois esse. É podre...
Pero E dael-o a vossa sobrinha n'esse estado?
Gonçalo Podre de rico, homem.
Pero Ah! com essa podridão me queria eu!
Gonçalo Far-vos-hei largas encommendas para as bodas.
Pero Que bondade a vossa!
Gonçalo Não quero outro ourives. Tendes-me servido tão bem!
Pero Mas não poderieis adeantar-me?...
Gonçalo Posso, pois não! (Pero chega-se mais, muito contente) Posso já adeantar-vos alguma encommenda. (Pero faz um gesto de desapontamento) Agora, por exemplo, e para esta noite mesmo, preciso sem falta de uma salva de prata, das melhores que tiverdes. Ide buscal-a... e, sem ceremonia, mettei-a já na minha conta.
Pero Mas tenho a loja cerrada, e...
Gonçalo Mas tendes a conta aberta. Ide buscar-me a salva. (Em segredo) Recebo hoje o noivo, e quero tratal-o como um rei. Aviae-vos. Até já.
Pero Eu vou, mas...
Gonçalo Ah! descansae, que eu não sou mesquinho! Das melhores que tiverdes! Ide. (Pero hesita, mas afinal faz um cumprimento, e sae pela D. A.) Safa! vi-me livre de chupistas! Já tenho um bello presente para a Cecilia! Esta salva salva a minha honra de fidalgo. Quanto á minha honra de amante... Ah! é verdade! deixa-me ir ver se ainda ha lá por casa uns restos de marisco! (Entra em casa a assobiar)

Scena 8ª

Genebra e Fernando, entrando da E. A.

Genebra Ah! cancer te coma, tição, que não fazes senão esmagrecer-me a bolsa.
Fernando (lingua de preto) Boso tem bolsa a rebentar. Precisa sangria.

Genebra — Não é sangue que tu queres: é marufo.

Fernando — Marufo dar fogo ao riabo!

Genebra — Fresco diabo! Podes limpar a mão á parede! Estás um diabo de cacaracá!

Fernando — Pague boso mass dinheiro, e boso verá o que é riabo!

Genebra — T'arrenego! Quando faço os esconjuros, nunca appareces a tempo!

Fernando — Farta de marufo!

Genebra — Não andas leve como um azougue!

Fernando — Farta de marufo!

Genebra — Nem tens voz de arripiar as carnes!

Fernando — Farta de marufo!

Genebra — E deste cabo do fato todo! Os chavelhos estão que é uma desgraça! Parecem chavelhos em terceira ou quarta cabeça! Tambem isso é por falta de marufo?

Fernando — Não, siôra: é farta de pratica.

Genebra — E ainda achas pouco, um real branco por cada diabrura?

Fernando — Pleto não ser já riabo a menos de dois reaes.

Genebra — Ih! Jesus! que me arruinas! Ha vinte annos que trabalho pelo officio, e nunca tive um diabo por similhante preço! Está tudo pela hora da morte! Ainda me lembro, em tempos do sr. D. Manuel, que Deus haja em gloria! Isso é que eram tempos! Vinha cada patalhão da Mina! E arranjava-se um inferno inteiro por dez reis de mel coado. Era mesmo um ceu aberto! Tem para amores, como diz o sr. padre Bastião.

Fernando — Pleto querê mass rinheiro.

Genebra — Vá lá! que remedio! (Afagando-o) Ganharás dois reaes por cada esconjuro... Hein? não é amiguinho da sua Genebra?

Fernando — Riabo, vá sá por dois reaes; amigo, não podê ser a menos de tres.

Genebra — Perro negro! Pois olha! já hoje te dou que fazer.

Fernando — Hoje?

Genebra — Sim. Tenho um freguez de mão cheia, um castelhano riquissimo, um tal D. Luigo. Ouviste? Quer-se muito bem

tratadinho...

Fernando Muito bem embaçadinho.

Genebra Como um principe. Combinou-se a cousa para as dez horas. Vê se estás cá em casa por volta das nove.

Fernando Dê-me boso uns ceitis ariantados.

Genebra Assim cahia eu n'essa! Para te ires embebedar, rascão!

Fernando Mi não se embebera, parrora de Furnando! Só querê dá umas tinturas ao siabo.

Genebra Deixa-te de tinturas. Tinto demais és tu.

Fernando Farta o rume no oio.

Genebra (ameaçando-o) Queres lume no olho? Pois eu te faço vêr as estrellas!

Fernando Mi ter gueia secca!

Genebra Olha! alli tens a fonte!

Fernando Agua não fazê rume: apagá rume.

Genebra (entrando na padaria) Então vae beber para o demonio!

Scena 9ª

Fernando, só

Remonio ser mi memmo! E mi não dar a mi por farta de rinheiro! Pleto massa prove que cão! Causeira se vêra esta.

Tango [nº 6]

I

Turo é causeira mardita:
Causeira, grande siôr;
Causeira, muier bonita;
Causeira, se mette horror.
Causeira, filhos de mama;
Maior, se os não pode ter;
Causeira, padre sem ama;
Causeira, aturar muier.
Na vira causeira, ser turo causeira;
Mas n'este causeira de turo o mais mau
É ser home prove, ter grande lazeira
E gueras mais seccas do que um carapau.

II

Chovêre muito, maçada!
Maçada, não chovê, não!
Canseira, missa cantada;
Canseira, longo sermão.
Canseira, negro captivo;
Canseira, estar no Guiné;
Não presta ser home vivo,
Masa morto peiór é!
Na vira canseira, ser turo canseira, etc.

Prove Fernando! Taverneira não fiá nara! Nara que bebê!... Nara que furtá! Quem furtá, home seguro! (Dirige-se á D. A., mas recua logo) Abre oio, que vem gente! Tarvez seja sopa que caiá no mer! (Recolhe-se na esquina do quintal, á E. B. Entra Pero muito açodado, com um embrulho na mão.)

Scena 10ª

Fernando e Pero

Pero — Cá trago a encommenda do fidalgo! Que remedio! Isto de freguezes pelintras são como as pipas! Em estando entupidas, bote-se-lhes mais agua. Se eu me faço de manto de seda, então é que é calote certo.

Fernando — (espreitando, aparte) Ui! Senhora Prito Santo acode a negro com garinha gorda!

Pero — E o maldito tem-me por lá um bom par de alfayas! (Dirige-se para a porta do palacete)

Fernando — (escoando-se pelo muro, até lhe sahir á frente) Schiu!

Pero — Ah! ai! quem me aco...

Fernando — (tapando-lhe a bocca) Não fazê baruio. Mi não fazê mal.

Pero — Um cão de um negro! Se te chegas mais, grito aqui d'el-rei

Fernando — Gritá para que? Bozo sá enganado. Negro não sá ladrão.

Pero — Então porque me saes á frente?

Fernando — Negro ter bom arma.

Pero (cada vez mais assustado) Trazes arma?

Fernando Arma! Isso cá se dentro, não sabê boso? Ter boa coração!

Pero Ah! sim!

Fernando Ladrão! Negro furtá! Pato Nosso! Abe Maria! (Benze-se) Mi ser amigo. Mi querê preveni boso.

Pero De que? Prevenir de que?

Fernando Re que? re que? (aparte) Sei rá!

Pero Desembucha, homem. Tu conheces-me?

Fernando Negro conhecê tora gente. Boso é ourives da Rua Nova. Firalgo d'ari devê muito a boso.

Pero Deve, sim. E depois?

Fernando Repois... vae fugí.

Pero Fugir? o sr. D. Gonçalo?

Fernando Fugí, passá pé, dá vira Riógo.

Pero Oh! co'a fortuna! E lá se vão as minhas ricas alfayas!

Fernando Não vae nara, sinô siô. Mi está de oio alerta. Mi vê D. Gonçalo enterrá turo na quintar.

Pero A enterrar tudo no quintal! Essa é boa! Para que?

Fernando Para boso não pilhá.

Pero Onde é que tu viste isso?

Fernando Ali! agora! cima da muro!

Pero Ora adeus! isso é peta!

Fernando Negro nunca mentí. Se boso querê vê...

Pero Como hei de eu ver?

Fernando Ali, cima da muro.

Pero Eu, em cima do muro? Pensas que eu sou homem encertado em macaco, como tu?

Fernando Não querê vê, adeoso! (Encolhe os hombros e vae a sahir, sempre olhando de revez para Pero.)

Pero (aparte) Se eu apanhasse o caloteiro n'essa empreza, ou escarrava p'r'alli o dinheiro, ou restituia as alfayas... (Alto) Espera ahi, preto do inferno! Como demonio queres tu que eu trepe áquellas alturas?

Fernando Mi ajudá boso! sem ganhá nara! Turo por bom arma!

Pero Homem, não fales mais em arma. Assim á noite,

par arrijiôr! Diabo do muro, é alto como a bréca!

Fernando — Mi pegá boso no córo!

Pero — No collo! Vamos lá a ver se isso é possivel! (Fernando prepara-se para erguer Pero) Espera! Tenho medo!

Fernando — Mero re que?

Pero — Que me ~~quebres~~ abras a cabeça em cima das pedras!

Fernando — Abri cabeça, para que? Boso não tem nada lá dentro.

Pero — Vá lá! (Fernando pega-lhe) Aguenta bem! Espera! ai! ai! (Agarra-se ao muro e escorrega)

Fernando — Boso tá trapriaro com embruio.

Pero — Atrapalhado com o embrulho? Pois estou, estou! Segura aqui um instante! Cuidado! (Dá o embrulho a Fernando, e vae subindo ao muro com a ajuda do preto) Devagar! devagar! isso! cá estou! Agora dá cá o embrulho! (Está encavalgado no muro)

Fernando — (disfarçando) Boso não vê sióro D. Gonçaro na quintar, a cavá, a cravá, a cavá?

Pero — (olhando para dentro) Está tudo escuro como um prego, ~~e eu não sou morcego~~. Por mais que me affirme...

Fernando — Abre oio! abre oio! (Vae-se escoando pela parede do palacete. Aparte) Quem farta, home sesudo! (Safa-se pela E. A.)

Pero — (continuando a observar para o quintal) Não vejo boia! O demonio do homem faz tudo ás escuras. Que te parece, preto? Tem raça de mocho, o maldito. Mas cá estamos nós á espreita... Hein! que dizes tu, tição negro? (Olha para o interior da scena e vê-se sósinho) Ai! que o patife esgueirou-se! com o meu embrulho! a minha rica salva! Estou roubado! estou roubado! (Gritando) Aqui d'el-rei! socorro! socorro! aqui d'el-rei! (Faz esforços baldados para descer do muro. Ouve-se borborinho fóra, rumor de vozes, janellas que se abrem, etc.)

Scena 11ª

Final [n.º 7]

Tição Negro

2.º acto

Henrique Lopes de Mendonça

Acto 2º

Aposento em casa de Genebra. Porta ao F. communicando com o exterior. Porta á E. A. para a padaria, outra á E. B. para o interior da casa. Entre estas duas portas ~~e outra e parede de E. e a porta do F.~~ mezas de pedra cavadas para amassar pão. Ao F. D., em pan-coupé, uma larga chaminé tapada com uma cortina escura. Entre a parede da E. e a porta do F., n'uma reintrancia, vê-se o começo de uma escada que sobe para o sotão. Abaixo da chaminé, á D., uma porta com rotula que dá para o quintal. Por cima d'essa porta, pouco mais ou menos, uma fresta em olho de boi, gradeada. Entre a porta do F. e a chaminé, um armario de madeira negra. Uma meza de tres pés, quasi a meio da scena, um pouco mais para a E. Duas tripeças ao pé d'essa meza. Algumas cadeiras de pinho. Sobre a meza, um grande candeeiro de tres bicos, apagado no começo do acto. Candeias, penduradas nas paredes do F. e da E. e do lado D. da chaminé, illuminam a scena. Cortinas negras na parte inferior das mezas de pedra, engastadas na parede. Espalhados pela scena, alguns saccos de farinha, outros vasios, peneiras, pás, e outros utensilios do padejo.

Scena 1ª

Cecilia, só. Entra da E. A., vae espreitar á rotula da porta da D., e depois colla o ouvido á porta do F.

Cecilia — O Aparicio ainda não appareceu! Nem o outro! E devem ser quasi nove horas! (Ouve-se fora, á D., um pandeiro — Alvoroçada) Ah! lá está o Aparicio! (Corre á porta da D.; mas n'esse instante ouve-se um

assobio ao F. - Detendo-se) E agora o fidalgo! Para onde me hei de eu virar? (Rindo) Estou como o burro entre as duas medidas de cevada... (Emendando-se) Não! cevada eu, burros elles! (Canta, emquanto se ouvem sempre fóra o assobio e o pandeiro)

Coplas de Cecilia N.º 7 8

Nada! dimça-me ir dar primeiro a sacaôsinha ao do pandeiro. (Abre a rotula D. B. Para fóra) Pst! Pst!

Scena 2ª

Cecilia e Aparicio, que aparece á rotula.

Cecilia Aparicio, vens em má hora! Não ouves o fidalgo a arruinar-se em assobios?

Aparicio Tambem eu tenho os cotovelos em sangue.

Cecilia Por via do pandeiro?

Aparicio E por via da treta que tens de dar ao fidalgo.

Cecilia Descansa! A treta é curta! E está na tua mão encurtal-a ainda mais.

Aparicio Como?

Cecilia Momentos depois de eu lhe dar entrada, tu bates áquella porta (Aponta para a do F.) com grande espavento.

Aparicio A' laia de badaladas para acudir ao fogo.

Cecilia Justo. Eu afflijo-me, como se fosse a mãe...

Aparicio E trancafial-o!

Cecilia Tal qual. Emquanto fôr preciso para os nossos pombinhos soltarem o vôo.

Aparicio Rico engenho! Deus nos fez, Deus nos... (Estende os braços na intenção de a abraçar)

Cecilia (esquivando-se) Ajuntará.

Aparicio Com esta parede de permeio, não admira que estejas ferrada no futuro... E se o velhote gemir com a prisão?

Cecilia Tenho cá uma ideia! (Rindo) Ha de sahir-lhe cara a entrevista. (O assobio redobra de força) Vae-te embora, anda, que o demo estafa-se a assobiar-me...

Aparicio — Aí botas. Entretanto, deixa-me gastar eu o folego n'um beijito sobre essa face rosada.

Cecilia — Não pode ser agora, irmãosinho. Tenho outro pobresinho á espera. (Vae á porta do F., e entreabre-a) Pst! Pst!

Aparicio — Demo da moça! Tem o mesmo pst! para toda a gente.

Cecilia — Safa-te depressa! E não te esqueças de acudir ao fogo.

Aparicio — Antes que elle chegue ás obras vivas. (Fecha a rotula e some-se)

Scena 3ª

Cecilia e D. Gonçalo, entrando pelo F., mascarado e muito embuçado

Cecilia — É vossa mercê, sr. D. Gonçalo?

Gonçalo — Sou eu, menos os bofes. Foram-se em vento, á força de assobiar.

Cecilia — Desculpe. Estava aqui gente... e não tarda ahi minha mãe. Felizmente que tivestes a bella idéia de vir mascarado, para nem na rua vos reconhecerem.

Gonçalo — Bem vês. Com a minha pratica d'estas aventuras...

Cecilia — Vê-se que gostaes muito de saias.

Gonçalo — Qual! Até as dispenso, filha! Se queres, experimenta.

Cecilia — Menos isso! Faz-me mal a friagem.

Gonçalo — Chega-te a mim, que sinto o sangue dos meus avoengos a escaldar-me o coração.

Cecilia — Que rica cabidela!

Gonçalo — Ladina! (Quer abraçal-a)

Cecilia — (fugindo, áparte) Já cheira a chamusco, e nada de badaladas!

Gonçalo — Quero enfeitar-te com um collar de beijos.

Cecilia — Vossa mercê vae logo ás do cabo.

Gonçalo — Não me detenho com virgulas, o que quero é chegar ao ponto.

Cecilia — Mas tenho a avisal-o de que eu não dou ponto sem nó.

Gonçalo — O nó! É o diabo! Levou-o o preto!

Cecilia — Querem ver que a salva roubada...

Gonçalo Era um presente para ti, minha joia.
Cecilia Foi um presente passado.
Gonçalo Mas tens a minha palavra de fidalgo. Abre-me um credito. (Vae a persegui-la de novo. Fortes pancadas á porta do F.) Que é isto?
Cecilia Jesus! minha mãe que vem ahi! Esconda-se depressa, sr. D. Gonçalo, esconda-se pelo amor de Deus!
Gonçalo - Mas aonde?
Cecilia No sitio mais escuro que ser ~~pode~~, se não quer deitar-me a perder.
Gonçalo Para ganhar-te é que eu perco a minha dignidade.
Cecilia (apontando para a porta E. B.) Olhe! n'essa casa ha um caeifo, n'esse caeifo ha um armario, dentro d'esse armario ha um bahu... N'esse bahu é que Vossa Mercê me ha de esperar. (Para o F., gritando) Lá vae! lá vae!
Gonçalo Ó moça! mas isso não tem commodidade nenhuma!
Cecilia (empurrando-o para dentro do quarto) Depois lh'a darei melhor. Avie-se, avie-se. (Sae um instante com elle E. B. - Ouve-se ruido de altercação á porta do F. - Voltando á scena, com uma chave) Está debaixo de chave. (Dando ouvidos ao rumor) Que matinada é esta agora? (Vae abrir a porta do F. á qual se veem Genebra, Fernando e Apariço) E eu a julgar que mentia!

Scena 4ª

Cecilia, Genebra, Fernando, um momento Apariço

Genebra Sume-te, rascão! Quem te deu confiança para estares a estas horas á pancada á minha porta?
Apariço Ó senhora Genebra, é que eu pensava...
Genebra Quem quer pensar bate ~~no~~ toutiço, não bate nas portas. Que te parece, Cecilia?
Cecilia Eu logo vi que era o tunante do Apariço. Ponde-vos a andar, vilão ruim! É melhor que façaes algum serviço a vosso amo.
Apariço É serviço de tanta monta, que não se escreve

Copia Aparic

Nº9

com menos de onze lettras.)

Genebra — Mau fadario te dê, ~~sem~~ rufião sem-vergonha! (Fecha a porta e entra com Fernando) Fui á pesca d'este tição negro, que andava a escorropichar por essas tavernas.

Fernando — Boso mandou preto estar cá entre as rez e as onze... e preto não tem rinheiro nem para chegar ás rez.

Genebra — Cão maldito! Olha que brincadeira, se me faltasse o diabo para a bruxaria d'esta noite. Trataste d'esses arranjos, Cecilia?

Cecilia — Tendes a bicharia a postos, e a respeito de fadas, é ~~só seestir as moças da~~ pedil-as por bocca na padaria.

Genebra — A proposito, que é da tal tua irmã que tu me inculcaste para forneira, escarumba?

Fernando — Meu irmã... meu irmã... (Coça a cabeça)

Genebra — Estás a catal-a na carapinha, perro?

Cecilia — (áparte) Oh! que idéia! (Alto) A forneira preta já vem.

Fernando — (pasmado) Já vem?

Cecilia — (baixo a Fernando, beliscando-o) Cala-te! (Alto) Vem ha de haver um quarto de hora.

Genebra — E onde pára essa cabra?

Cecilia — Mandei-a buscar um sacco de farinha ao armazem, e não tarda ahi.

Genebra — Bem. Põe-a quanto antes a trabalhar. Se quizer comer, ha de custar-lhe a catinga do seu rosto. - Emquanto a massa está a levedar, vou dar uma demãosinha nos meus bruxêdos. (Sae E. A.)

Scena 5ª

Cecilia, Fernando

Fernando — Bosô está a engazupá mãe Genebra. Preto não rise a preta para ribolá até cá.

Cecilia — Que tens tu com o que eu digo, tinhoso?

Fernando — Mi sá negro, mas mi sá home de bem; não mente. Negro vae já pôr tudo em pratos limpos.

Cecilia — Sim! tu deves limpar tão bem os pratos como limpa-

te a salva.

Fernando Quaes salva? Mi não sabê dá tiros.

Cecilia Não te faças de novas, cão. Tu é que surripiaste a salva ao ourives.

Fernando Jesu! Nome re Deoso consagrado! Negro furtá! negro ladrão! Nunca home branco dirá Fernando furta real!

Cecilia Pois imaginei que fosses tu.

Fernando Senhoro Prito Santo perdõe a boso!

Cecilia Cuidei. Era uma salva para o fidalgo alli defronte...

Fernando Coitarinho!

Cecilia Tão rica... tão rica... toda de ouro...

Fernando (pasmado) Han?

Cecilia (sem o desfitar, com affectada negligencia) Era... e tinha seis perolas... e mais uma saphira...

Fernando (cada vez mais pasmado) - O que? o que?

Cecilia Foi o que elles disseram.

Fernando (desatando a rir) Eia! que grandes trapaiões!

Cecilia Eu ia jurar...

Fernando Não jure boso farso, que é peccado. A sarva é de prata, sem safio nenhum.

Cecilia Apanhei-te, cavaquinho!

Fernando Qual cavaquinho?

Cecilia Cahiste como um pato! Foste tu que chamaste a salva á mochila. E agora, se não queres que eu dê á lingua...

Fernando Pato Nosso, Aba Malia!

Cecilia Tens que andar ás minhas ordens, emquanto não largas a salva d'essas badanas para mãos de gente.

Fernando São Benedito me valhe! Uma sarva que era uma minur de marujo!

Cecilia Ouve o que eu digo, e obedece-me, se não queres enrolar no gasnete um bom collar de esparto.

Fernando Não quer, que faz nodoa negra no meu pêz.

Cecilia Has de ver-me d'aqui a bocado com um mostrengo da tua côr. É a cabra da tua irmã, percebeste?

Fernando (choroso) Boso mettê preto home de bem em embruiadas!

Cecília — Homem de bem! só se for de bem furtar! Faze o que eu mando e...

Scena 6ª

Os mesmos, Genebra, entrando E. A.

Genebra — Inda vós estaes aqui patorneando? Põe-te a andar, Cecília, que temos de adeantar trabalho antes de vir o mafarrico do castelhano. (Vae examinar a massa que está nas mezas)

Cecília — Sim, mãe! (Baixo, passando por pé de Fernando) Vou buscar a tua irmã, entendes? (Aparte, atravessando para a E. B.) Mal sabes tu a irmã que eu te vou dar, sem que sejam ouvidos nem pae nem mãe. (Sae E. B.)

Genebra — E tu, tição negro, vae envergar a carpella que está no sótam, e depois, ala para o telhado, prompto a enfiar pela chaminé mal a cachopa chame pelo diabo.

Fernando — Pleto está mais burro que diabo.

Genebra — Quasi sempre assim é; mas agora vê se fechas o registo da burrice e se dás toda a força ao de diabrura.

Fernando — Os folles trabaiam mal sem marufo.

Genebra — Sume-te, anda! (Fernando vae a sahir pela escada ao F. E.) E vê lá não me estragues mais os chavelhos! (Fernando sae — Só, sempre examinando a massa) Que isto só em chavelhos é uma continua calada. E não se pode dizer que seja pela saúde! Emfim... (Batem á porta do F.) Será já o estafermo do castelhano? Tão cedo! (Repetem as pancadas) Sera! quem quer que é, parece que está em apertos! (Abre a porta.)

Scena 7ª

Genebra; Ayres e Branca, entrando de espavióte

Genebra — Que é isto?

Ayres Cerrae a porta depressa!

Genebra (fechando a porta) O sr. Ayres! a menina Branca!

Ayres Estaes vendo um par de amantes...

Branca Atrapalhados...

Ayres Que se refugiam sob a vossa aza protectora, anjo da guarda em activo serviço.

Genebra Caio das nuvens!

Ayres Ou não foreis vós anjo.

Genebra Mas como foi isto?

Branca Não adivinhaes?

Ayres E direis-vos feiticeira! Em casa de ferreiro...

Genebra Querem vêr que fugistes com ella?...

Ayres Para livrar o tio de um encargo, embora leve... (Abraçando Branca e erguendo-a) Duas arrobas, quando muito! — E para a livrar a ella...

Branca De um castelhano de má morte...

Genebra E peior vida, chamado D. Iñigo.

Ayres Caspité! Agora sim, que daes uma amostra da vossa bruxaria!

Genebra Mas como viestes aqui parar?

Ayres A andar. Atravessámos a praça de mansinho, para nos reunirmos com o Aprigio, que devia esperar-nos ao pé da egreja... vae senão quando apparecem tres beleguins...

Branca Tres avejões!

Ayres Mettemos pela travessa, direitos a esta vossa porta...

Genebra A porta dos envergonhados.

Ayres E vimos ao luar alguem que rondava.

Genebra Algum dos taes envergonhados.

Ayres Pelo contrario: era o desavergonhado do castelhano. A mirar, a rondar... ~~espreitar, como se estivesse á espreita de que lhe desseis algum pão.~~

Genebra ~~Hei de dar-lhe d'aqui~~ a pouco, ~~mas é manteiga.~~ E o marmanjo reconheceu-vos?

Ayres Creio que nem nos viu. Apenas elle virou costas, be-

temos á vossa porta...

Branca — Que foi para nós a porta do ceu!

Genebra — E agora?

Ayres — Agora, honrada dona, esperamos que deis refugio a duas almas penadas.

Genebra — Eu vos depennarei, que sou mestra no officio. Isto é anda mão e fia dedo. Vou sondar os arredores a ver a maneira de vos dar paz.

Ayres — Pás não vos faltam em casa. Mas para que queremos nós essa ferramenta?

Genebra — De amor falo: e n'esse capitulo estou á par de pórolo.

Ayres — Dae-nos antes pés para nos pôrmos ao fresco.

Genebra — Ao fresco? Dois namorados gostam mais de se pôr no quente. (Vae fechando cuidadosamente todas as portas) ~~Esperae-me bem um momento~~ Mas enquanto ficaes á minha espera, não aticeis muito o fogo, que a muita cera queima a egreja. A todo o tempo é tempo de arder... (Suspirando) enquanto ~~há~~ não falta quem nos bote fogo. (Sae D. B.)

Scena 8ª

Ayres e Branca

Duetto e côro interior N.º 2 G

Scena 9ª

Os mesmos, Genebra e Aparicio, entrando D. B. depois Guida

Genebra — (vendo os dois abraçados, a Aparicio) Eu não te disse? Os namorados são ~~tal~~ qual como os refogados: em a gente os largando um instante, pegam-se.

Branca — (dando por elle, e afastando-se de Ayres) Estavamos a... a...

Ayres — A scismar n'esta labuta do padejo.

Aparicio — Bem sei! A experimentar se é certo que pela bocca se aquenta o forno

Ayres — Ah! és tu, Aparicio?

Aparicio — Cá estou, meu rico amo... rico é força de expressão...

Vi de longe que arribaveis a este porto de abrigo, e vejo que destes no vinte. Esta excellente dona é uma nascente a borbulhar de compaixão.

Genebra Não me elogies! Fiz da necessidade virtude.

Aparicio É pena que tanta vez vos falte a materia prima.

Genebra Lingua damnada! — Encontrei-o alem no seu pouso, sempre á espreita...

Aparicio Com a rafa que me afflige, não admira que seja bom rafeiro.

Ayres E que novas dá? por fóra?

Branca Direi, direi.

Aparicio Beleguins como formigas, supponho que ao faro do peto. E o castelhano sempre a gaiandar por essa rua, a achatar de vez em quando as ventas n'aquella porta. (Indica a porta do F.)

Ayres N'aquella porta?

Branca Meu Deus! desconfiará elle?...

Genebra Não é por isso: é que é meu freguez.

Ayres De pão?

Genebra Não, manteiga é que eu faço tenção de lhe dar.

Aparicio Manteiga em nariz de cão.

Genebra Mas na bocca do lobo cahireis, se d'aqui sahirdes.

Branca Valha-nos Nossa Senhora!

Ayres Estamos no purgatorio.

Genebra Pois, para purgardes essas alminhas, não vos chegueis de mais um para o outro.

Aparicio É que a dois faz-se melhor o exame de consciencia.

Genebra Mas dá-se tanta raia que é certa a reprovação.

Branca Santo Antonio traga depressa meu pae da India!

Genebra Para vos livrar d'esse castelhano do inferno...

Aparicio E dar-vos a este escudeiro do ceu!

Branca Conto com isso.

Ayres E com um bom dote em riquezas do Oriente.

Genebra Contaes com o ovo... das gallinhas da India. (Algazarra fora) Oh! com a fortuna! agora me lembro que as

minhas padeiras não tardam ahi em cata de massa para o forno. Escondei-vos por emquanto... aonde? Ah! já sei! n'esta ~~chaminé~~ lareira! (A Aparicio) Não achas?

Aparicio — Achas vão elles ficar agora... e em braza.

Ayres — (examinando o interior da lareira) Rico escondrijo!

Branca — (a medo) Tão escuro!

Ayres — Para que precisamos de luz? Tenho-te de cór aqui nos meus olhos. (Abraça-a para a ajudar a subir)

Genebra — Mas escusaes de decoral-a com as mãos.

Aparicio — Então até logo, meu amo. (Os dois subiram para a chaminé) Nem sequer me dá ouvidos! Sorriu-lhe deveras o conchego do lar!

Genebra — (cerrando as cortinas) E juizinho!

Ayres — ~~Em paz, nem um beijo na garganta~~ Pouco, que eu não trabalho para o bispo.

Genebra — (voltando ao meio da scena) Se elles são como o refogado... o bispo é que me faz medo! (Muitas gargalhadas fóra) Ahi veem as cachopas! (A Aparicio) E tu, sus! Vae para o teu posto de vigia, estafermo!

Aparicio — Deixae-me ao menos esperar por um pãosinho quente...

Genebra — A gulosema que tu trazes de olho, bem sei eu! Mas para cá vens tu de carrinho, que eu para ti não tenho senão biscoito... (Menção de bater)

Aparicio — (fugindo) É muito duro para os meus dentes.

Genebra — Olhae o mimoso!

Aparicio — Mimoso, eu? que tenho passado a vida a pão e laranja!

Genebra — Voltas do mundo!

Aparicio — Quaes voltas! Eu nunca tive senão idas.

Genebra — Pois então, vae-te embora! E de entoviada, se não queres que te dê umas unturas de ~~pão~~ pá... (Pega n'uma pá)

Aparicio — Mercês, tia Genebra! Guardae-as para o castelhano.

Genebra — Vigia-me esse perro, e mais os beleguins, e espera por teu amo! Sume-te, rascão!

Aparicio — Cá vou, que remedio! (Sahindo D. B., á parte) Estes delicadezas são de bom agouro! Parece que já é minha sogra! (Some-se)

Genebra — (abrindo a porta E. A.) Eh! moçoilas! que algazarra é essa?

Giralda (assomando á porta) Ahi estão ellas de volta com o mostrengo da preta, que não faz nada com geito. Ellas ahi veem de escantilhão!

Genebra Eia! o que lá vae!

Scena 10ª

Genebra e Giralda; Cecilia e padeiras, entrando de roldão pela E. A., trazendo aos empurrões D. Gonçalo, disfarçado em preta.

Nº 10 Côro e entrada da preta. Nº 3 10

Genebra Socego, raparigas! Vamos ao trabalho! (Algumas vão levantar a massa que está nas mezas de pedra tapada com pannos, e levam-na em taboleiros pela porta E. A. Outras formadas em escalão, peneiram farinha)

Cecilia (descendo para D. Gonçalo, áparte) Tende muita prudencia!

Gonçalo (aparte) Lá prudencia tenho eu! O que eu não tenho é vergonha nenhuma n'esta cara, desde que permitti que m'a engraçassem!

Genebra (ás moças) Mettei-vos com a vossa vida, e deixae a preta. E tu, responde, cadella, que é que sabes fazer?

Gonçalo (imitando fala de preto) Mim não chama cadera, mi chama Catalina Furunanda.

Genebra Que vozeirão que tem o diacho da negra!

Cecilia E' da cachaça.

Genebra Parece um elefante embuchado com açorda!

Giralda Ou um jumento com pulmoeira! (Risos)

Gonçalo (aparte) Jumento? Sim! com estas saias, nem sequer macho me podem chamar.

Genebra - Vá, machaca! Pega ahi n'uma ciranda! Se queres matar a peneira, vae peneirando! (Conduz D. Gonçalo para junto das peneireiras, onde elle começa a peneirar desastradamente)

Cecilia (aparte) Querias amor? Pois agora amarga.

Genebra Peneira com cautela, carocha! Estás a entornar-me toda a farinha. Não tens olhos na cara?

Gonçalo (fala de preta) Tem oios, mas tem peneira defronte.
Genebra Peneirados ~~possuimos~~ tens tu os miolos!
Gonçalo (aparte) Lá isso é verdade! Se os tivesse inteiros, não cahia n'esta ratoeira.
Genebra Não é assim, moura! Já viram o almadraque bolorento a dar-me cabo da farinha? Demos me levem se isto é a preta que eu esperava. Não sabe nada do officio. Dize-me cá: tu é que és a irmã do pae Fernando?
Cecilia (baixo, a D. Gonçalo) Dizei que sim.
Gonçalo Diz meu mãe que sim; mi nunca se viu nascer.
Genebra Isto de negras, não ha que fiar n'ellas! Não mettesse eu em casa alguma ladra...
Gonçalo (aparte) Ladra! e nem ao menos posso córar!
Cecilia Descansae, senhora mãe! É um momento emquanto nos tiramos de duvidas.
Genebra Como?
Cecilia É perguntar ao Fernando. (Dirige-se rapidamente para a chaminé) Elle deve estar aqui.
Genebra (precipitando-se para ella) Espera, por Deus!
Cecilia (abrindo a cortina) Deixae! (Para dentro da chaminé) Vá! cá para fóra!
Genebra (aparte) Lá se vae tu quanto Marta fiou!

Scena 11ª

Os mesmos, Ayres e Branca

Ayres (saltando da chaminé) Cá estamos! (Ajuda Branca a saltar)
Cecilia (pasmada) O escudeiro ... (com terror) e Branca! (Corre a pôr-se deante de D. Gonçalo. Genebra faz a Ayres gestos desesperados)
Grimalda O sr. Ayres Rosado! (Movimento entre as padeiras)
Genebra (a Cecilia) Fizeste-a bonita!
Grilda A menina Branca!
Padeiras A menina Branca!
Gonçalo (espreitando por detraz de Cecilia, que pretende occultal-o com o corpo) O que é isso? A menina que? (Vendo afinal Branca) Esta aqui!
Cecilia (baixo, a D. Gonçalo) Cobre-vos, por Deus, que me perdeis!

Ayres — Que luzida sociedade!

Gonçalo — Ellas que pouca vergonha?... (Cecilia impõe-lhe silencio)

Genebra — Cecilia, açouta-me essa negra, que está desinvolta!

Gonçalo — (aparte) Não faltava mais nada! Depois da queda da sobrinha, coice no tio!

Cecilia — (como acima) Silencio!

Genebra — Não ha remedio senão explicar tudo.

Gonçalo — (aparte) Ha de ser fresca a explicação!

Cecilia — (como acima) Deitaes-me a perder!

Gonçalo — (o mesmo) O que eu perco é a minha dignidade! Não se pode ser tio austero n'uma andaina d'estas.

Genebra — (a Ayres e Branca) Não vos assusteis, que isto é gente de segredo. Não é verdade, moças?

Giralda e Prudencia — E' verdade! – Ora essa! – Com certeza!

Genebra — Pois sabereis que este galhardo mancebo ama esta gentil donzella...

Ayres — Com fervor!

Genebra — A qual lhe corresponde...

Branca — Com egual fervor!

Gonçalo — (aparte) Olha a descarada!

Genebra — A bella, como sabeis, estava em casa de seu tio, que a queria á força casar com um excommungado castelhano...

Giralda e Prudencia — Ih! Jesus! que maldade! – Que pessimo tio!

Gonçalo — (aparte) Estou em pulgas!

Genebra — E vae o escudeiro, furtou-a aos direitos...

Ayres — Aos direitos, nego! Tanto o tio como o castelhano, tão tolos como um arrocho!

Gonçalo — (aparte) Verás se não me endireito comtigo, birbante!

Genebra — E agora é mister acudir a estes pombos...

Gonçalo — (a meia voz) Mariolas!

Cecilia — (baixo, impondo-lhe silencio) Bico!

Genebra — E' preciso dar-lhes fuga...

Giralda e Prudencia — Sim! sim!

Gonçalo — (aparte) Com que tropa fandanga que eu estou mettido!

Ayres — Enterneceis-me, cachopas!

Branca — Obrigada!

Gonçalo (aparte) Sempre se sahiu uma prenda, a tal senhora minha sobrinha!

Genebra Ora, como por emquanto é arriscada a sahida, veremos o que nos cumpre. – Que faremos de vós, D. Branquinha, minha pomba?

Gonçalo Recolhe ao pombal.

Giralda Cala-te, perra!

Padeiras Escarumba! – Cadella! – Crocha! – Tinhosa!

Cecilia (baixo, a D. Gonçalo) Calae-vos, ella!

Gonçalo (aparte) Nem posso zelar pela honra da familia!

Genebra Essa centopeia que não abra bico!

Cecilia Já sei o que havemos de fazer. A menina Branca vae lá para cima para o sotam...

Ayres e Branca Para o sotão?

Genebra Justo! Fica lá muito bem, no sotam.

Ayres Então, vamos lá para o sotam.

Gonçalo (intromettendo-se) Menos essa! O sotam não tem logar para mais de um.

Ayres Ec'a dar-lhe, o espantalho de breu! (Empurra-o) Que tens tu que cheirar aqui?

Gonçalo (fora de si) Tenho muito que cheirar, porque eu...

Cecilia (vivamente) Xó, cadellão negro! (Baixo, a D. Gonçalo) Ides escangalhar a meada toda!

Gonçalo (baixo, a Cecilia) É que eu não estou para servir de pau de cabeleira, e logo á minha propria sobrinha!

Cecilia (como acima) Eu remediarei tudo! (Alto) Está decidido: a menina Branca vae sòsinha para o ~~sotam~~...

Ayres Então, e eu?

Cecilia Vós ides...

Gonçalo (entre dentes) Para o diabo que o carregue!

Cecilia Ides para a rua, esperar: ora ahi está! (Murmurios)

Gonçalo Tal qual!

Ayres Protesto: eu, se ~~raptei~~ esta menina, não foi para a metter na gaiola, e ficar a fazer cruzes na bocca!

Padeiras Diz muito bem! diz muito bem!

Gonçalo (aparte) Nunca ouvi côro mais desaforado!
Cecilia Mas esperae...
Branca Meu querido Ayres! outra vez nos separam!
Cecilia Por uns momentos só!
Gonçalo Quaes momentos, nem qual carapuça!
Cecilia (beliscando-o) Chitou!
Ayres Isto é uma tyrannia!
Cecilia (afastando-o de Branca) Meu rico, quem o alheio veste...
Ayres Mas ella que diga se eu ainda não estou nu.
Genebra (aparte) Que ferroadas de moral deram agora na pequena! Emfim, não se dirá que a culpa é da mãe... (Encolhe os hombros)
Cecilia (baixo, a Branca) Ide, menina! Fica a meu cuidado o voltardes.
Branca Valha-me Deus! (Batem á porta do F.)
Genebra O castelhano! (A Branca) Subi depressa, e conservae-vos socegada! (A Ayres) E vós sahi, que em breve vos chamarei. (Ás padeiras) Meninas, aos vossos postos de bruxaria!
Cecilia (a D. Gonçalo, baixo) Já vedes que andei com limpeza. (Mutação de scena. As moças vão sahindo, umas pela E. A., outras pela E. B., outras ainda pela escada do sotam. Branca, ao subir esta escada, atira beijos a Ayres. As moças levam as candeias. Genebra accende o candeeiro de tres bicos sobre a meza.)
Gonçalo (aparte) Francamente, não sei qual esteja mais limpo: se a sobrinha que é Branca, se o tio que está feito preta.
Ayres (sahindo D. B.) Cá vou penar outra vez!
Cecilia (agarrando D. Gonçalo) Vamos embora!
Gonçalo (aparte) Em que parará tudo isto? (Cecilia empurra-o E. A.)
Genebra Apresta-me bem esse espectaculo, que o homem é tolo e endinheirado.
Cecilia Então é engordar-lhe a toleima e emmagrecer-lhe a bolsa!
Genebra Assim se fará! Vae-te! (Cecilia sae E. A. A scena fica escassamente illuminada com o candeeiro de tres bicos)

Scena 12ª

Genebra, logo em seguida D. Iñigo

Genebra (indo á porta do F., onde teem batido repetidas vezes) O mafarrico está com pressa! (Abre a porta) Entre, senhor castelhano,

entre vossa mercê! (Cessa a musica de scena)

Iñigo (expirando ruidosamente) Caramba! el ayre frio sale de mis pulmones en trovones! Que espera de desesperar!

Genebra Perdõe-me Vossa mercê, mas...

Iñigo Entonces, usted es bruja?

Genebra Se esbrugo? Ás vezes, quando apanho um bom osso.

Iñigo Por Diós! Os pregunto se usted es... como se dice en portugues?... bru... bru... (Expirando) Ca! que diablo de lengua que se habla en espiros!

Genebra Sim, senhor, bruxa para o servir.

Iñigo Y panadera tambien?

Genebra E padeira tambem, para o encher.

Iñigo Que raio de accumulacion!

Genebra Admira-se? Pois um castelhano deve estar acostumado desde Aljubarrota, a ver uma bruxa com uma padeira.

Iñigo (ameaçador) Se yo estuviera allá en Aljubarrota...

Genebra (pondo as mãos na ilharga, com arremesso) Que faria?

Iñigo (acalmando-se) No estuviera ahora aqui en Lisboa.

Genebra Logo vi! Então a que vem Vossa mercê?

Iñigo A consultar usted sobre amores...

Genebra Não ponha mais na carta. Os meus feitiços adivinham tudo, o passado e o futuro. Espere um bocadinho... e cuidado, não tenha medo!

Iñigo Miedo? yó?

Genebra Sim, de alguma labareda que veja! Olhe que é de arripiar as carnes!

Iñigo Mis carnes no se arrepian jamás.

Genebra É que serão carnes abatidas. Postae-vos ali e aguardae. (Vae buscar um alguidar que põe em cima da mesa)

Iñigo Un alguidar? Se vae usted a lavar-se los piés?

Genebra Calae-vos e olhae! (Põe em cima da mesa um sacco preto que foi buscar ao armario)

Scena do esconjuro N.º 4 A II

Continúa a música

!

Scena 13ª

Evocação (Cecilia) N.º 4-B

Scena 14ª

Entrada do diabo (Fernando, Genebra, D. Iñigo) N.º 4-C

Iñigo (com musica de scena) Que diablo va el diablo a buscar?
Genebra Caluda! as fadas marinhas, que sabem os segredos dos corações.
Iñigo Y esas señoras estan muy lejos?
Genebra Andam a estas horas pelo mar dos Alfaluccas.
Iñigo Cuerpo del cielo! Vos hablaes como se estuvieron en el Cata-que-farás.
Genebra Descansae. O diabo vae n'um pé, e vem n'outro.
Iñigo Caramba! que pasadas! Voy a tomarlo para mozo de recados. (Ouvem-se buzinas fora)
Genebra Ouvis? São as buzinas que annunciam as fadas marinhas.
Iñigo Que estrepitosas son las niñas!
Genebra Vereis como é suave a voz d'ellas.

Scena 15ª – Côro de fadas marinhas, scena e ronda infernal N.º 4-D

(No final da ronda, os personagens em scena formam tableau que dura alguns segundos, com musica de scena. Depois ouve-se bater com força á porta do F. e sôa fora o

Côro do alcaide e beleguins. N.º 1/A

Confusão geral em scena. As fadas somem-se por diversos lados. Fernando escapa-se, sempre vestido de diabo, pela porta E. B. Genebra e Cecilia escondem rapidamente os utensilios da bruxaria, e correm as cortinas da chaminé. Cecilia, a um aceno de Genebra, foge E. A. Genebra dirige-se para a porta do F.)
Iñigo (que ficou pasmado) Pero que desbarate es esto? Yo solo no tengo para onde me escapar...
Genebra Tão valoroso sois!
Iñigo No quiero dar aliento a los malhechores. Poparé las justicias desta tierra.

Genebra Guedae-vos! Vêde como a justiça vem cortar a ronda! (Abre a porta do F.)

Scena 16ª

Genebra e D. Iñigo; alcaide, beleguins e Pero, entrando F.

Alcaide Que demora é esta, padeira mofina?

Genebra Estava a enfornar...

Alcaide (olhando para D. Iñigo) Com este marmanjo?

Iñigo Marmanjo? Me insultaes? Lo que vos vale...

Alcaide O que é?

Iñigo Es que yo no comprendo el portuguès.

Alcaide Grandissimo pespego...

Pero Sr. alcaide, não se distraia. O seu alvo é o preto.

Alcaide Alvo preto parece asneira.

Pero Tambem ha juizes de direito que são arrevesados.

Alcaide Cabe-vos, misero delinquente! - Mesquinha padeira, onde tendes escondido um negro que dizem penetrou no vosso lar?

Genebra (aparte) Valha-me S. ~~Pedro~~ Cypriano! (Alto) Vossa Mercê está enganado. No meu lar não penetrou senão pão alvo.

Alcaide Não tenteis illudir a justiça! (Aos beleguins) Veladores da publica segurança, percorrei os aposentos e trazei-me todos os entes humanos que topardes. (Os beleguins saem E. A. Reflexionando) Os negros serão tambem entes humanos? Nada! por sim por não... (Corre á porta E. A. e brada para fóra) De todas as côres, ouvis?

Pero É bom explicar, não esteja o preto amarello com o susto.

Genebra (olhando de revez para a porta E. B. - Aparte) Vão dar com elle alli... E demais a mais vestido de diabo! Vae estragar-me o fato e a reputação!

Pero (olhando para D. Iñigo, aparte) Será este trangalhadanças o preto disfarçado? (Chega-se a elle, e roça-lhe pela cara o dedo molhado em cuspo) Nada! é côr fixe!

Iñigo Que diablo pone usted en mi cara? Si no fuera alli el señor alcaide... (Grande borborinho fora)

Alcaide Que será isto?
Pero São ratos que cahiram na ratoeira do sr. alcaide.

Scena 17ª

Os mesmos, Cecilia e as padeiras, entrando em magote com grande algazarra, empurradas pelos beleguins, e entre ellas D. Gonçalo, sempre vestido de preta

Um beleguim Prompto, sr. alcaide! Entes humanos não havia por lá!
Alcaide Então isto o que é?
Beleguim Isto são entes femeas!
Alcaide Ora ide pentear monos!
Pero Sr. alcaide, sr. alcaide!
Alcaide Que pretendeis?
Pero Não vedes esta preta?
Alcaide Está claro que vejo: não sou cego. Mas uma preta não é um preto. Na negraria tambem ha distincção de sexos.
Pero Mas vossa mercê tem a certeza de se não enganar? Ora examine bem. (Collocam-se ambos deante de D. Gonçalo a examinal-o)
Gonçalo (aparte) Bonito! que surprezas me estarão ainda reservadas!
Pero A altura a mais...
Alcaide Com effeito!
Pero A... (apontando para o peito) a gordura a menos...
Alcaide Tendes razão! Uma ultima experiencia... (A D. Gonçalo) Como te chamas, tição negro?
Gonçalo (fala de preto) Mãe Catalina, creara de boso.
Pero Ui! que voz tão grada!
Alcaide Não resta duvida! É homem...
Pero Qual homem! É mas é o meu preto!
Alcaide Estás preso!
Gonçalo Preso, eu?
Alcaide Preso ou presa, como quizeres. No carcere se deslindará essa concordancia de adjectivos.
Pero Em se tirando o fato, põe-se a limpo a grammatica.
(Os beleguins cercam D. Gonçalo que tenta resistir)

Genebra (aparte) Rico engano este! (Alto) Sr. alcaide, vossa mercê deve ter razão. Isso é uma preta vadia que me appareceu hoje aqui a pedir trabalho. Deve ser o tal preto, por força.

Gonçalo (aparte) Que grande desavergonhada! (Alto) Eu?

Alcaide Eu logo presenti. O meu olho de juiz...

Pero Ajudado pelo meu olho de parte...

Genebra E' elle com certeza!

Padeira E' elle, é elle!

Gonçalo Mas eu protesto...

Cecilia (baixo) Calae-vos, que é melhor! (Alto) E' elle, é.

Gonçalo Só esta me faltava!

Alcaide (a Genebra) Contae-me por miudos como o ladrão se introduziu na vossa casa...

Gonçalo (aparte) Sim, senhor! Lindo final de aventura!

Genebra Eu conto, sr. alcaide. (Acercam-se todos, excepto D. Gonçalo que fica um pouco á E., a espreitar por onde poderá escapar-se) Eu cá andava ha tempos precisada de uma forneira...

Pero E uma preta é bem boa para isso.

Alcaide Porque?

Pero Porque não se enfarrusca.

Alcaide Cala a bocca com asneiras. Continuae, tiasinha.

Genebra Vae senão quando hoje...

Cecilia A' noitinha...

Genebra Batetam-me á porta... (D. Gonçalo tem-se escoado sorrateiramente até á porta da E. B. Abre-a devagarinho e vae a sahir; mas n'este instante Fernando salta da porta, vestido de diabo. D. Gonçalo dá um grande grito e recúa espavorido.)

Gonçalo (cahindo no chão) O diabo!

Todos (olhando para a E. e tapando depois os olhos com grande afflicção) O diabo! (Fernando atravessa a scena a correr, e some-se pela chaminé por detraz de Cecilia que está encostada a ella.)

Final

Nº 5. 12

Tição Negro

3º acto

Henrique Lopes de Mendonça

Acto 3º

A mesma vista do 1º acto. Noite no começo do acto.

Scena 1ª

O alcaide e beleguins, depois Pero Piteira e outro beleguim
(O alcaide e beleguins atravessam a scena ao F., vindo de E.
entoando a meia voz.

Côro dos beleguins.) Musica 13

Um beleguim (vindo a correr da D. com Pero) - Sr. alcaide, sr. alcaide...
Alcaide Que é? (Para)
Beleguim Este preso diz que tem cousas importantes e urgentes a communicar a vossa mercê.
Alcaide Pois communique.
Pero Só em segredo, sr. alcaide, só em segredo.
Alcaide Vá lá! permitto-lhe que me fale em segredo. (Aos beleguins) Apartae-vos! Mas olho á mira, não falte elle com o devido respeito á justiça. (Os beleguins afastam-se F. - A Pero) Falae!
Pero Sr. alcaide, saiba vossa mercê que a preta...
Alcaide Qual preta?
Pero A preta que é preto.
Alcaide Ah! sim! Então?
Pero Não é preta nem preto.
Alcaide Essa é boa!
Pero Destingue.
Alcaide Quereis ver que é branca?
Pero Nada, não senhor, tambem não é.
Alcaide Então que diabo é?
Pero É branco.
Alcaide Irra! que confusão de sexos e de côres!
Pero É branco... e fidalgo, demais a mais.
Alcaide Caçoaes com a justiça. É lá possivel que um fidalgo disfarce a nobreza da sua pelle com as negruras de Guiné!

Pero — É como digo a Vossa Mercê. Ponho o preto no branco.
Meride — O branco no preto, é o que é.
Pero — Pois seja!
Meride — Mas o que deu motivo a tão inaudita transformação?
Pero — (muito em segredo) Questões de amor!
Meride — Serio?
Pero — Contou-~~me~~ elle proprio á puridade.
Meride — (muito curioso) Pois conte-me tambem.
Pero — Estás curioso?
Meride — É do meu officio. Demais, quem não bebe na taverna folga n'ella. Conte.
Pero — Uma aventura simples. Fraqueza de fidalgo. Elle tinha seus dares e tomares com a filha alli da padeira. Metteu-se-lhe em casa para...
Meride — Para?...
Pero — Para lhe enfidalgar a geração. Mas como a mãe não queria tanta nobreza em casa, elle teve de enfarruscar-se por aquelle teor.
Meride — Castigo de Deus! Caiu-lhe no corpo o carvão com que elle queria sujar a honra da cachopa. E quem é o fidalgo?
Pero — Um que mora ahi n'esse palacete, o sr. D. Gonçalo de Lemos.
Meride — Não conheço.
Pero — Mas conheço eu por mal de meus peccados.
Meride — Como assim?
Pero — Deve-me p'ra cima de trezentos cruzados de joias.
Meride — Caspité! Vê-se que é pessoa de consideração. Vou já dar ordem para o soltarem.
Pero — Antes de me pagar?
Meride — Podera! Quereis que condemnasse um honrado fidalgo a prisão perpetua?
Pero — O meu rico dinheiro! E eu fico solto, sequer ao menos?
Meride — Como quereis ficar solto, com uma divida d'essas ás costas?
Pero — Mas é que eu tinha que fazer um recado ao fidalgo.

Alcaide — Ah! isso agora é outro caso! Que recado é?

Pero — Era ir buscar um capeirão pardo e um chapeu de guedelha a casa d'elle... Bem vêdes que elle não está em trajes muito decentes... Vestido de mulher...

Alcaide — Pareceu-me que estava de preto... Ah! é verdade! Vem a dar na mesma. Vai lá! estás solto! Ide cumprir o que vos manda o fidalgo. E não torneis a cahir...

Pero — Eu não cahi.

Alcaide — Cahistes em trepar. Não torneis mais, senão tendes que vos haver com a justiça. Como entrareis na casa do fidalgo?

Pero — Tenho aqui a chave que elle me deu.

Alcaide — Pois então entrae, entrae.

Pero — (abrindo a porta de D. Gonçalo) Com licença de vossa mercê. (Entra)

Alcaide — Safa! d'este estamos nós livres.

O beleguim — Ó sr. alcaide!

Alcaide — Que é?

Beleguim — E a rapariga que está endemoninhada?

Alcaide — Que se avenha como poder. O diabo não está na minha jurisdicção. Vamos nós acabar a ronda, que não tarda a luzir o dia. (Sae F. D. com os beleguins repetindo o Côro)

Scena 2ª

Ayres e Aparicio, surgindo da esquina D. B.

Ayres — Que estopada de beleguins! Julguei que nunca se punham a andar! Aparicio da minha alma, a minha deusa está alli (aponta para a trapeira á D.), e eu não descubro nem ao menos meio de lhe despertar a attenção. Ajuda-me tu com o teu engenho.

Aparicio — Isto de engenho está pela hora da morte, a estas horas da noite. Escuridão deante dos olhos e dentro do estomago... não lhe digo nada senão por musica.

Ayres — Por musica queria eu fallar para que ella me ouvisse. Mas qual! nem tenho aqui a minha amante guitarra...

Aparicio Não pode cantar sem ella?
Ayres Isso é comida sem tempero... que sensaboria!
Aparicio Se Vossa Mercê quer que eu faça de guitarra... Olhe! êco estou eu, e encordoado deveras.
Ayres Estás a mangar comigo? Pois eu te aperto a escaravelha. (Vae a puxar-lhe uma orelha)
Aparicio Cuidado, meu amo! Olhe que as cordas de tripa, em estando muito seccas, estalam. (Ouve-se fóra som de instrumentos) Escute! (Musica fóra)
Ayres Que é isto?
Aparicio Foi a Providencia que o ouviu.
Ayres E é que não toca nada mal, a Providencia
Aparicio Pudera! Com tanto seculo de aprendizagem. Assim tambem eu!
Ayres Approximam-se...
Aparicio Escondamo-nos outra vez, para ver o que isto dará de si.
Ayres Antes que venha o sol.
Aparicio Caluda! (Escondem-se na esquina D. B.)

Scena 3ª.

Os mesmos, escondidos, D. Iñigo e musicos, entrando pela D.
Iñigo Basta! Mettei las violas nel saco! Estaes delante de mi estrella.
Um musico Não vejo estrella nenhuma, sr. castelhano.
Iñigo (apontando para a casa de D. Gonçalo) Allá la veeis! Mi voz la hará surgir! (Experimenta a voz. Está rouco)
Aparicio É o castelhano que vem grunhir a alvorada á vossa dama.
Ayres Demonios o levem! Vou desancal-o!
Aparicio Espera! A todo o tempo é tempo! Deixae ver em que isto pára. Talvez nos aproveite.
Iñigo Diablo! Estoy ronco... y quando estoy assi, tengo miedo de poner la ciudad en ruinas con mi canto.
O musico Tocaremos sósinhos!
Iñigo Destemperada musica! (Experimenta de novo) Cuerpo de Diós! Dos dós como este hacen un terremoto.

Aprigio Cahiu-nos a sopa no mel.
Ayres Qual sopa?
Aprigio Segui-me, se a quereis papar.
Iñigo Se Apollo me inspira en estes azados, veniera en mi socorro.
Aprigio (adeantando-se para elle) Se me permittes, senhor castelhano, tenho um Apollo ao vosso dispôr.
Iñigo Hombre, quien sois?
Aprigio Um misero verme da terra que vos conhece como o sol das Hespanhas, e a quem é dada a incomparavel mercê de vos auxiliar agora, tal como o rato ao leão dos bosques.
Iñigo Leon y sol? Vejo que me conoceis bien.
Aprigio Por certo. E é por isso que ouso apresentar-me e apresentar este digno ~~Ca~~ ~~de~~ dono, capaz de causar inveja com seus trilos ao proprio Apollo.
Iñigo Este caballero?
Aprigio Exacto.
Iñigo (a Ayres) Tiene usted buen metal de voz?
Ayres E' até o unico metal que eu possuo.
Iñigo Pues tiene usted en mi las minas de Sofala.
Aprigio Ou do fala-só.
Iñigo Basta que usted preste su canto a mis amores.
Ayres (aparte, a Aprigio) Rebento este patife.
Aprigio (idem, a Ayres) Pois rebente, mas depois.
Iñigo Que dice usted?
Ayres Estou prompto a servil-o, sr. castelhano.
Iñigo Pues grande honra será para vos! Se trata...
Ayres De dar uma alvorada á menina Branca.
Iñigo Sabeis su nome.
Aprigio Nada se ignora no mundo do que diz respeito á vossa pessoa.
Iñigo Sois un escudero discreto. Entonces...
Ayres Dito e feito. (Aos musicos) Conheceis aquella toada castelhana - Se dormis, doncella?
Musico Perfeitamente.

Apariço (a Iñigo) Ides ouvir um portento.
Iñigo Con otro portento que escucha... dos portentos.
Ayres (baixo, a Apariço) Cantarei para lá, para que ella me escute de cá.
Apariço (o mesmo) Bravo! É o que se chama cantiga de ricochete.

Alvorada 14

1ª copla

Apariço (baixo, a Ayres, apontando para Branca que appareceu na trapeira) Mordeu na isca!
Ayres (o mesmo) Vaes ver como eu puxo a linha.
Iñigo Es muí bonito! Pero no vejo ni estrella ni sol.
Apariço Não tem sol, mas tem sol-e-dó. - Espere! a modo que vejo raiar a aurora. (Entreabre-se a janella de D. Gonçalo, onde apparece Brites embuçada)
Iñigo Pero viene entre nubes.
Apariço (baixo, a Ayres) Não está má aurora! É a aia velha!
Iñigo (que tem estado a fazer signaes para a janella onde está Brites) Niña de mis ojos! Estrella de mis entrañas!
Apariço Das suas entranhas! Cuidado com a sahida d'essa estrella.
Iñigo Alma mia!... - No me oye, que diablo!
Apariço (baixo, a Ayres) Podera! se é surda como uma poste.
Iñigo Quiere mas canto porventura! Pues continue usted.
Ayres (baixo, a Apariço) Vaes ver como eu me faço entendido.

2ª copla 14

Iñigo Vos imploro que hableis, vida mia!
Apariço Moita, carrasco!
Iñigo Yo que la queria resolver a dar-me já, já, la mano de esposa.
Apariço Pois quem cala consente. É apanhal-a!
Ayres Raptal-a!
Apariço Seduzil-a!
Iñigo Pero como, se ella no viene abajo?
Apariço (em segredo) Vá Vossa mercê lá acima.
Ayres Quem quer bolota trepa.
Iñigo Pero yo no quiero bolota.
Apariço Tereis castanha pilada.
Brites (aparte) A modo que fallam em bolota e castanha!

Aparicio Não tendes nada com que se possa trepar?
Iñigo Tengo una escalera de corda. (Pega n'uma escada de corda que um dos musicos traz enrolada.)
Ayres Uma escada de corda! (Tira-lh'a das mãos)
Aparicio Que mina! Mandae embora os musicos, escusam de meter o bedelho ~~nas nossas~~ aventuras. (Ayres entretanto procura fixar no beirado do telhado da padaria a escada de corda, que tem um gancho no extremo.)
Iñigo Decis bien. (Aos musicos) Vos id en paz.
Musico E quem paga este frete?
Iñigo La costumbre de los hidalgos como yó es que pague el mordomo...
Musico Mas onde pára o mordomo?
Iñigo No pára, vae corriendo a cabalo para mis propiedades...
Aparicio Do Maranhão?
Iñigo Si, del Marañon. Por eso yó vos pego. Aqui teneis.
Musico (recebendo o dinheiro) Daes-me apenas dois chimfrões de el-rei D. João II?
Aparicio E dae mercês ao fidalgo.
Musico Não pode ser. Uma musica tão boa. Alem de duas charamelas, todos os instrumentos de corda...
Aparicio Todos, não; ainda vos falta um.
Musico Qual?
Aparicio A forca. Ide embora, se não quereis afinal-a com o corpo, velhacos! (Elle e D. Iñigo expulsam os musicos)

Scena 4ª

Aparicio, Iñigo, Ayres, depois Branca e Fernando

Iñigo (reparando para os movimentos de Ayres) Pero que demonio hace el caballero? (Quer aproximar-se d'elle)
Aparicio (detendo-o) Não vá Vossa mercê desmanchar-lhe o trabalhinho.
Iñigo Qual trabajiño? Yo quiero trepar acá, porque me pone la escalera allá?
Aparicio (mysteriosamente) Vossa mercê não percebe?

Iñigo - No!

Aparicio - Dar-se-ha caso - santo nome de Jesus! - que Vossa Mercê não saiba astrologia?

Iñigo - Es claro que sé. Yo soy versado en todas las sciencias.

Aparicio - Então já vê...

Iñigo - Veo... veo... que? Veo el caballero al trepar al tejado de la panaderia.

Aparicio - Pois pelas regras da astrologia, já vê o sr. castelhano que elle faz o que deve.

Iñigo - Por las regras de la astrologia?

Aparicio - Está bem de ver. Acaso não cahiu Jupiter nos peixes?

Iñigo - Si... pero yó lo salvaré a nado.

Aparicio - (detendo sempre Iñigo que quer correr para a D.) E não vos lembraes que o anno é bissexto? E que o capricornio...?

Iñigo - Cuerpo del cielo con vos! Vos hablo de la niña, y vos me hables de cuernos!

Aparicio - É para vos explicar... (Vendo que Ayres chegou ao telhado) que meu amo chegou ao ceu, e vós ficastes no purgatorio. (Desata a rir)

Iñigo - (furioso) Pesar de San Pablo! Esto es burla ó burleta? (Desata a correr para a escada)

Ayres - (no telhado) Minha adorada Branca!

Branca - (na trapeira) Meu Ayres! (No momento em que se vão abraçar, apparece no cimo do telhado Fernando ainda vestido de diabo)

Ayres e Branca - (dando um grito) O diabo! (Somem-se na trapeira, cuja janella fecham. Vae aclarando gradualmente, muito devagar)

Scena 5ª

D. Iñigo, no palco, Fernando, no telhado, Brites á janella de D. Gonçalo, depois Pero Piteira

Iñigo - (trepando pela escada de corda) Yo vos diré lo que es un castellano con la mostarda en las narices. (Ao chegar a meio da escada, apparece á beira do telhado a figura de Fernando. D. Iñigo, apavorado, cae no chão, gritando) El diablo!

Aparicio - (rindo-aparte) O mafarrico do pretalhão!

Brites (fechando a janella e recolhendo-se) Jesus! Santo breve da marca!

Pero (entreabrindo a porta de D. Gonçalo. Traz um embrulho com fato, um capeirão pardo aos hombros, um chapeu de guedelha na mão) A modo que a rua está bulhenta... (D. Iñigo, que se tem levantado, corre desesperadamente para o lado da porta. Vendo-a entreaberta, atira para fóra Pero, e entra para a casa, fechando a porta. Ao mesmo tempo Fernando salta do telhado para o palco. Pero, que deixou cahir o capote e o chapeu, dá com os olhos no preto e grita assarapantado) Figas! cruzes! canhoto! (Foge pelo F.)

Aparíço (rindo ás gargalhadas) Que grande pagode! (A Fernando) Como é que tu surdiste em cima do telhado?

Fernando Pleto fugiu chaminé arriba... romiu no telhado toro noi-te... e agora acordou ao barulio de beijocas...

Aparíço Era a madrugada que chegava.

Fernando Madrugada de pleto não aquece com beijocas. (Apanhando o capeirão ~~chapeu~~) O que vale é senhoro Cristo Santo que dá capote a pleto... (Apanhando o chapeu) e rico chapeu p'ra cobrir carapinha.

Aparíço Então tu tiras o chapeu ao fidalgo?

Fernando Tirar chapeu, signar de respeito. (Embrulha-se no capote e põe o chapeu na cabeça)

Aparíço Oh! demonio! vem gente! (Dirigem-se ambos para diversos lados afim de fugir)

Scena 6ª

Aparíço e Fernando; o alcaide e beleguins, que entram por differentes lados

Beleguim (deitando a mão a Aparíço que vae a esgueirar-se) Cá está um dos arruaceiros!

Alcaide (idem a Fernando) E outro! (Fernando tenta desembaraçar-se) Não vale resistir á autoridade! (Aos beleguins) Agarrae-o, que elle pode vir armado. (Defendendo a barriga) E eu não quero que me ponham as tripas ao sol.

Beleguim A estas horas da noite, só se fôr ás estrellas.

Alcaide Eram estes tunantes que alvorotavam o bairro.

Aparicio — Nós? (Os beleguins cercam os dois presos)

Alcaide — Caluda! Que fazíeis aqui?

Aparicio — Cera, sr. alcaide.

Alcaide — Cebo!

Aparicio — Fal-o-ha vossa mercê, quando lhe sua o topete.

Beleguim — (Com ar mysterioso, interpondo-se) Com licença, sr. alcaide.

Alcaide — Dizei.

Beleguim — Já reparastes n'aquella escada de corda?

Alcaide — É verdade. Para que será?

Beleguim — Para trepar.

Alcaide — Forte novidade! Mas quem queria trepar?

Beleguim — (sempre em segredo) Mais ainda! Um dos presos a modo que tem a cara preta.

Alcaide — Esperae! É capirão pardo? É chapeu de guedelha?

Beleguim — Assim parece!

Alcaide — (batendo na cabeça) Dei no vinte! Escada no predio do fradinho, cara enfarruscada como disse o outro... Ides ver a minha espertesa.

Beleguim — Mostre lá.

Alcaide — Mostro, o que?

Beleguim — A espertesa.

Alcaide — Ah! sim! olhae! (Alto) Qual de vós é aqui o sr. D. Gonçalo de Lemos?

Aparicio — (vivamente) Somos ambos, sr. alcaide.

Alcaide — Ambos? Essa não como eu! Julgaes falar com algum parvo? Eu já vos conto... (Acerca-se de Fernando, a quem destapa a cara) Este é que é o sr. D. Gonçalo de Lemos.

Aparicio — (impondo silencio a Fernando, que vae a protestar) E é que acertou.

Alcaide — Podera! olho de autoridade! (A Fernando) Então ainda não deram agua a Vossa Mercê para se desenfarruscar? Permitta Vossa Mercê que eu mesmo, com a lympha d'esta fonte, volva Vossa Mercê á sua côr nativa. (Vae á fonte)

Fernando — (baixo, a Aparicio) Diabo se ouve, quer-me esfolar.

Aparicio — (baixo) Eu te acudo! (Alto) Perdão, sr. alcaide! Em primeiro logar, a fonte não tem lympha nenhuma; em segun-

do logar, como creado de Sua Mercê, a mim compete essa honrosa tarefa.

Alcaide Bem! n'esse caso... (Baixo a Fernando) Eu sei o que tramaveis aqui, aquella escada m'o revela... Mas faço a vista grossa! Deixae em paz a padeirinha, e recolhei-vos. (Vae bater á porta da casa de D. Gonçalo)

Apriço (baixo a Fernando) Mas como demonio anda o fidalgo com pelle de preto?

Fernand. (baixo) Fazê pêre a pleto, pleto furtá a êre capote.

Alcaide (batendo repetidas vezes) Está tudo somno, co'a fortuna!

Scena 7ª

Os mesmos, Cecilia, depois Padre Bastião

Cecilia (que entreabriu a porta da padaria, baixo a Apriço que está perto d'ella) — Pst! Apriço!

Apriço (baixo, chegando-se com disfarce) És tu, Cecilia?

Cecilia (como acima) Sou. Que infernèira é esta?

Apriço É o alcaide a dar carta de fidalgo ao preto.

Cecilia (rindo) Isso é carta branca para elle fazer marotèiras.

Apriço Cautela! (Cecilia recolhe-se vivamente.)

Alcaide (vendo entreabrir-se a porta de D. Gonçalo) Ora graças a Deus!

Padre (espreitando á porta) Quem é?

Alcaide A justiça que mette em casa quem deve.

Padre Quem deve? Então é meu amo por força. (Abre a porta)

Alcaide (A Fernando e Apriço) Entre.

Padre (vendo os dois muito embuçados) Mas quem veem a ser estes rebuçados?

Alcaide Boa noite... e permitta Vossa Mercê que lhe recommende juizo. (Os dois entram em casa)

Padre O' sr. alcaide, Vossa Mercê não tomaria a nuvem por Juno?

Alcaide Uma autoridade nunca toma nuvens. Entre tambem.

Padre Mercês. São horas da minha missa das almas.

Alcaide Pois então, ide á missa.

Padre Cá vou! (Aparte) Nada, que os tres rebuçados cheiram-me a esturro. (Sae E. A.)

Alcaide Confisquem essa escada! (Os beleguins tiram a escada de corda) E vamos dar

desceneo ao corpinho...

Scena 8ª

O alcaide e os beleguins, D. Gonçalo, entrando D. cd.

Gonçalo Ora graças que vos encontro, sr. alcaide.

Alcaide (contorcendo) Não lhe acho graça nenhuma.

Gonçalo Não me conheceis?

Alcaide A estas horas da madrugada, nem que fosseis flamengo.

Gonçalo Pois eu sou o fidalgo alli defronte.

Alcaide (surpreso) O que?

Gonçalo (accentuando) O fidalgo... alli... defronte. (Os beleguins desatam n'um riso, que abafam a um signal do alcaide)

Alcaide Espere, que eu já o amanho.

Gonçalo Não sei que isto seja caso para riso.

Alcaide É que estavão com cocegas.

Gonçalo Para essa molestia, ventosas de pau.

Alcaide Eu já te conto. Então a que vinheis?

Gonçalo Sr. alcaide, eu tenho uma sobrinha...

Alcaide Isso é historia muito comprida?

Gonçalo Dois covados... quero dizer dois capitulos. Pois essa menina tem o pae na India, e a mãe...

Alcaide Na China?

Gonçalo Que mania de gracejos! Pois o caso é até bem triste! A mãe morreu dois mezes antes de ella nascer... (Riso maior dos beleguins)

Alcaide E o pae tinha ido para a India havia dois annos.

Gonçalo Atrapalhaes-me com a chalaça insossa! El-rei não vos fez alcaide para dizer chocarrices.

Alcaide Nem para aturar maçadas.

Gonçalo Foi talvez para as pregar?

Alcaide Exacto. Por isso, estaes preso em nome de sua Alteza.

Gonçalo Preso? outra vez? Então esta gente imagina que o meu corpinho ha de servir de plaina ás taboas da enxovia?

Alcaide E é metter-vos nas encolhas, senão...

Gonçalo (puxado pelos beleguins) Como quereis que eu encolha, se estes diabos estão todos a puxar por mim?

Meride Levae-o!

Gonçalo Mas, sr. alcaide, isto é uma prepotencia. Que eu, alem de tio da minha sobrinha, sou neto dos meus avós. (Os beleguins levam-no para o F.)

Meride Isso tambem eu.

Gonçalo (voltando á bocca da scena) Estaes engraçado de meio a meio. Vós, neto? Só se for de touros. Quem é neto de gente não trata assim um fidalgo com o nome illustre de D. Gonçalo de Lemos.

Meride O sr. D. Gonçalo de Lemos resona a estas horas entre finos lençoes de Hollanda.

Gonçalo (levado pelos beleguins) Qual resona! Anda, mas é aos tombos por estas ruas... a perder a dignidade... sem saber da sobrinha... que inda tem mais que perder... Irra! besta de punços... visto que não dae das solturas...

Meride Cadeia com elle!

Gonçalo Cá vou! Mas eu direi a el-rei que a justiça n'esta terra, em vez de ter vara, devia andar aos varões. (Sae D. G. levado pelos beleguins)

Meride Pois sim! Chore no Tronco, que é parte fria. (Sae D. A.)

Scena 9ª

Aparicio, sahindo cautelosamente da casa de D. Gonçalo, Cecilia, o mesmo, da padaria; depois vendedores ambulantes de ambos os sexos.

Cecilia (acercando-se de Aparicio, a rir) Filado outra vez!

Aparicio Bem feito, para não ser gaiteiro.

Cecilia Deixa lá, que já perdeu a embocadura.

Aparicio Por velho que seja o barco, sempre passa o vau.

Cecilia E onde fica o preto?

Aparicio Fechado no quintal. Como a mina communica com este chafariz, ensinei-lhe uma lição que te vou ensinar tambem.

Cecilia Dize depressa.

Aparicio Lá na padaria, emquanto me quebras este jejum, que ha de custar a quebrar, tão duro está com a edade.

Cecilia E que fizeste do Trafarrão das Castellas?

Aprigio — Esse... (Franco de riso) esse...
Cecilia — Acaba d'ahi.
Aprigio — Fechei-o tambem n'uma das camaras... mais a velha surda.
Cecilia — (rindo) Sòsinho com ella? Na mesma camara? Sae de lá com cama...
Aprigio — Nada. Elle imagina que a velha é a menina Branca. E como o quarto está escuro como um prego...
Cecilia — Elle é capaz de o julgar quarto crescente.
Aprigio — Isso! Talvez que o mesmo aconteça ao nosso lindo par, que está alli dentro.
Cecilia — Para esses é lua cheia... de mel.
Aprigio — Dá-m'o tu tambem pelos beiços. (É dia claro. Ouvem-se sinos a repicar festivamente) Que este repique seja as matinas do nosso amor!

Duetto dos pregões 15

(Os vendedores ambulantes, no final do numero, fazem roda aos dois, rindo ás gargalhadas)

Cecilia — Má peste vos mate! (Foge para a padaria)
Aprigio — (expulsando-os) Sucia de bebelhoteiros! Safa! (Ao subir, olha para a D. Ch.) Ó diabo! quem lá vem! (Corre para a padaria onde entra. Os vendedores saem por diversos lados; ouvem-se ainda pregões que se vão distanciando pouco a pouco)

Scena 10ª

Padre Bastião, D. Gonçalo, alcaide, entrando D. Ch.

Gonçalo — Se não fosse este encontro providencial do padre capelão, tinha-me ainda a estas horas de escabeche n'uma masmorra.
Padre — Um fidalgo da vossa linhagem!
Gonçalo — Linhagem? Upa! upa! Nem setim!
Alcaide — Mas, sr. D. Gonçalo, repare Vossa Mercê...
Gonçalo — Agora quem ~~precisa tambem~~ se disser a precisar de reparo é a minha sobrinha. Deixei-a alli no momento em que me ensaboaveis o miolo com a prisão. E eu afinal o que precisava ensaboado era a casca.
Alcaide — Estaveis tão negro que não pude pôr a limpo vossas nobres feições.

Gonçalo — Devieis ter nos olhos um mata-borrão. Perdôo-vos, mas ajudae-me a salvar minha sobrinha. (Vae bater á porta da padaria)

Alcaide — Contae com a minha ajuda, sr. D. Gonçalo.

Gonçalo — Depois de tanta seringação, venha de lá mais essa ajuda.

Scena 11ª

Os mesmos, Genebra, abrindo a porta da padaria

Gonçalo — Aqui venho em cata...

Genebra — (muito chorosa) Ai! sr. D. Gonçalo! que desgraça a minha!

Gonçalo — Que vos aconteceu?

Genebra — O sr. alcaide que diga. Tenho a minha pobre muchacha com o diabo no corpo.

Alcaide — É verdade.

Gonçalo — Ora essa! Como é que ella deu alojamento tão limpo ao porco sujo?

Genebra — Como ella está, coitadinha! Ella barrafusta, ella grita, ella salta, ella ri, ella berra... Um inferno!

Gonçalo — Padeira! com aquelle hospede lá dentro! ellas não desamineis! (Apontando para o padre) Aqui está quem tem o saca-rolhas.

Padre — O saca-rolhas?

Gonçalo — Sim, para desengarrafar o diabo.

Alcaide — Talvez que dando-lhe pevides de abobora...

Gonçalo — Ora abobora! Isto não é da vossa alçada. O diabo não é inquilino que saia por justiça.

Padre — Não é com armas temporaes que se acommette o demonio.

Gonçalo — Armas nos temporaes tem elle: ~~para se defender~~ e bem rijas, por signal.

Padre — Mas o que vos leva a crer que o inimigo entrou n'ella?

Genebra — Os destemperos que ella faz, sr. padre Bastião. Ainda agora, fiz o signal da cruz na massa. Não lhe digo nada! Desatou n'um berreiro que nem que se lhe tivesse partido alguma cousa lá dentro

Alcaide — Talvez qualquer orgão...

Gonçalo — Sandice no caso! Como quereis que uma creatura com o diabo no corpo tenha lá dentro orgãos, que são instrumentos santos?

Padre — Não é de estranhar. A vista de uma cruz, começa logo

o cão tinhoso nos pulos...

Gonçalo — E faz má visinhança aos bofes, ao baço, e a toda a mais cabidela.

Genebra — E que cousas que ella canta, com palavras que ninguem entende!

Padre — O demonio costuma falar todas as linguas... e ás vezes ao mesmo tempo.

Gonçalo — Que salgalhada! Nem elle mesmo se entende.

Padre — Mas eu já vou manejar as armas espirituaes, com que espero desalojal-o.

Gonçalo — E a minha sobrinha não se desaloja?...(Grande algazarra dentro da padaria.)

Genebra — Valha-me Deus! Ahi está ella com o ataque!

Scena 12ª

Os mesmos, Aparicio, Giralda, moços e moças da padaria, correndo para a scena, depois Cecilia e povo que acorre de todos os lados, e Pero que vem da D. A.

Côro, ensalada e scena do exorcismo 16

(No final do numero, Cecilia cae novamente, como em deliquio, na borda do chafariz)

Padre — Não vos dizia eu que elle havia de ouvir-me? O caso é leval-o com geito.

Gonçalo — Pelo visto, o geito para o diabo é a bordoada.

Aparicio — E' o que acontece a muita alma christã.

Padre — Attenção! – Espirito infernal, estás lá?

Fernando — (dentro do chafariz, voz soturna) Nos tripas de rapariga.

Gonçalo — Por que porta sahirá elle?

Padre — ~~Em amigo para sahir quer~~ Não saes de lá, perro immundo?

Fernando — Ali querê richardade.

Gonçalo — Podera! Deve estar muito mal alojado.

Padre — Que é preciso para que saias?

Fernando — Ali vae ~~dizê~~ falá por boca de moça.

Pero — E' melhor, que elle sempre fala n'uma lingua de trapos!

Gonçalo — E' que no inferno não ha mestres de portuguez.

Padre — Qual! Aquillo é a lingua da Picardia, que é a preferida pelos demonios.

Aperiço — Logo vi que havia picardia no caso. (Cecilia começa a levantar-se)
Aleride — Vede como a cachopa se levanta!
Genebra — Ai! a minha unchacha que já está em movimento!
Gonçalo — É o diabo que começa a fazer a mudança.
Pero — A modo que lhe custa a mexer-se!
Giralda — Coitadinha! Vamos ajudal-a!
Moças e populares — Vamos! (Acercam-se de Cecilia)
Padre — (detendo os que avançam) Cautela! não lhe toqueis!
Giralda — Porque?
Padre — Pode o demo encafuar-se n'outro corpo.
Pero — Safa! (Recuam todos)
Giralda — Jesus, Maria, José!
Vozes — Credo! — Cruzes!
Aleide — Vou-me metter n'um banho de agua benta.
Aperiço — E é cerrar a bocca, que é a entrada principal.
Gonçalo — O peior são as portas travessas.
Genebra — Mas acudi-vos, por Deus! Não vedes como ella soffre com o maldito ás cabriolas lá por dentro?
Aleide — Capaz de lhe dar cabo das cadeiras!
Padre — Tendes razão. — Espirito infernal, desembucha o que tens que dizer, pela bocca que quizeres.
Gonçalo — Comtanto que não seja á bocca da noite, que temos pressa.
Padre — Attenção!
Cecilia — (em pé, declamando com ar vago e como alheada de si)

> A jóia que foi roubada
> Foi parar, por bem creada,
> Mesmo ao pé dos pés da dona;
> Mas, como andou n'uma fona,
> Vejo-a no fundo amolgada.

Gonçalo — A minha sobrinha! Amolgada no fundo! Eu logo vi!
Pero — Qual sobrinha, elle fala mas é da minha salva.
Gonçalo — Ah! respiro!
Aleride — Mas qual é então a dona?
Gonçalo — Dona? no feminino? (Bate na cabeça-Aparte) Espera! Eu ando hoje de sexo trocado! Mas por mais que olhe para os pés, não

jo senão uns sapatos amarellos.

Pero — Fica a gente ás aranhas!

Aparicio — Qual ás aranhas! (Apanha um embrulho que está aos pés de Cecilia) Aqui está a salva!

Pero — Dae-m'a depressa!

Aparicio — Mais devagar! Desde que o diabo disse que ella estava aos pés da dona...

Gonçalo — E acertou! O diabo é o diabo!

Pero — Mas que indromina é esta?

Gonçalo — A salva foi ter a quem devia...

Pero — Quem a devia era Vossa Mercê, que inda ninguem m'a pagou.

Mecia — Se ninguem vol-a pagou, como quereis que seja vossa?

Pero — Essa agora!

Aparicio — Está claro.

Gonçalo — Aquellas mãos a tinham em destinado. O demo no que cinco foi em metter os pés pelas mãos.

Padre — Caluda! que ella vae falar outra vez.

Mecia — Ella? Elle!

Gonçalo — Elle e ella.

Padre — Schiu!

Cecilia — (como acima)

P'ra que eu não tenha demora
N'este corpo em que ora falo,
Repare-se em boa hora
O mal que se faz agora
Em casa de D. Gonçalo.

Gonçalo — Em minha casa? (Ameaça correr para lá)

Padre — Esperae, que ella não acabou.

E não se faça a tolice
De separar quem cubice
'Star junto como já está,
Se não querem que eu me vá
Enfiar n'outro corpo. Disse.

Mecia — Isto agora é que eu não percebo.

Pero — Nem eu.

Gonçalo — Eu o que percebo ~~é~~ *dá* que estão fazendo asneiras na minha casa.

Já sei! Ha de ser o tunante do escudeiro, de volta com minha sobrinha. Espere, que eu já vos arranjo. (Vae abrir a porta de sua casa, onde entra)

Pero — Que sahirá d'alli? (Movimento geral)

Meride — Já percebo porque não percebi.

Aparicio — Tambem eu.

Meride — Então porque foi?

Aparicio — Por serdes vós quem sois.

Meride — Não foi tal. É que o inimigo falou em verso...

Pero — E depois?

Meride — E eu nunca aprendi versificação.

Giralda — (espreitando pela porta de D. Gonçalo) Lá vem elle!

Vozes — Lá vem! — Lá vem!

Scena 13ª

Os mesmos, D. Gonçalo trazendo D. Iñigo, depois Brites

Gonçalo — Eis o meliante que eu encontrei n'uma camara escura, em companhia de...

Iñigo — Me perdone usted

Gonçalo — (pasmado) Como! sois vós, D. Iñigo?

Vozes — O castelhano!

Gonçalo — Esta agora! Tudo fechado lá em casa... negro como breu... e eu a imaginar que era o maldito escudeiro...

Iñigo — Me encafuaron en una camara... con su sobriña de usted... y ella se dejó vencer de mis attractivos...

Genebra — Já é vontade de ser vencida!

Gonçalo — Está bom! O mal não é tamanho como eu pensava. Foi avanço de noivo. Em todo o caso, é preciso que esta sonsinha se explique. (Entra dentro de casa, e sae logo arrastando Brites) Vinde, mofina sobrinha!

Giralda — (desatando a rir) A aia velha!

Vozes — (entre gargalhadas) A aia! — A Brites! — A surda!

Iñigo — (pasmado) La vieja sorda!

Gonçalo — (furioso) Então vós ~~fazeis~~ correis cavalhadas com os estafermos que eu tenho em casa?

Iñigo Pezar de San Pablo! con tan ruines defuntos gasté mi cera!

Gonçalo É o que se chama não ter olhos... nas mãos! (Gritando aos ouvidos de Brites) E vós, velha remelada?...

Brites Perque Vossa Mercê o quer pudor! O sr. castelhano tinha umas falinhas tão doces...

Aparicio E ella é tão gulosa...

Gonçalo Com mil raios! Está desmanchado o vosso casamento...

Iñigo Pero... pero...

Gonçalo Com os peros ficaes vós engasgado.

Aparicio E mais com esta castanha pilada que continuareis a roer até ao fim da vida.

Iñigo Cuerpo de Dios! que me voy a quemar el mundo...

Gonçalo Pois queimae-o embora, que me salvastes boa isca. Mas afinal a minha sobrinha, onde é que pára?

Scena 14ª

Os mesmos, Branca e Ayres, sahindo da padaria.

Final 17

A Machado
p. pelo Diabo